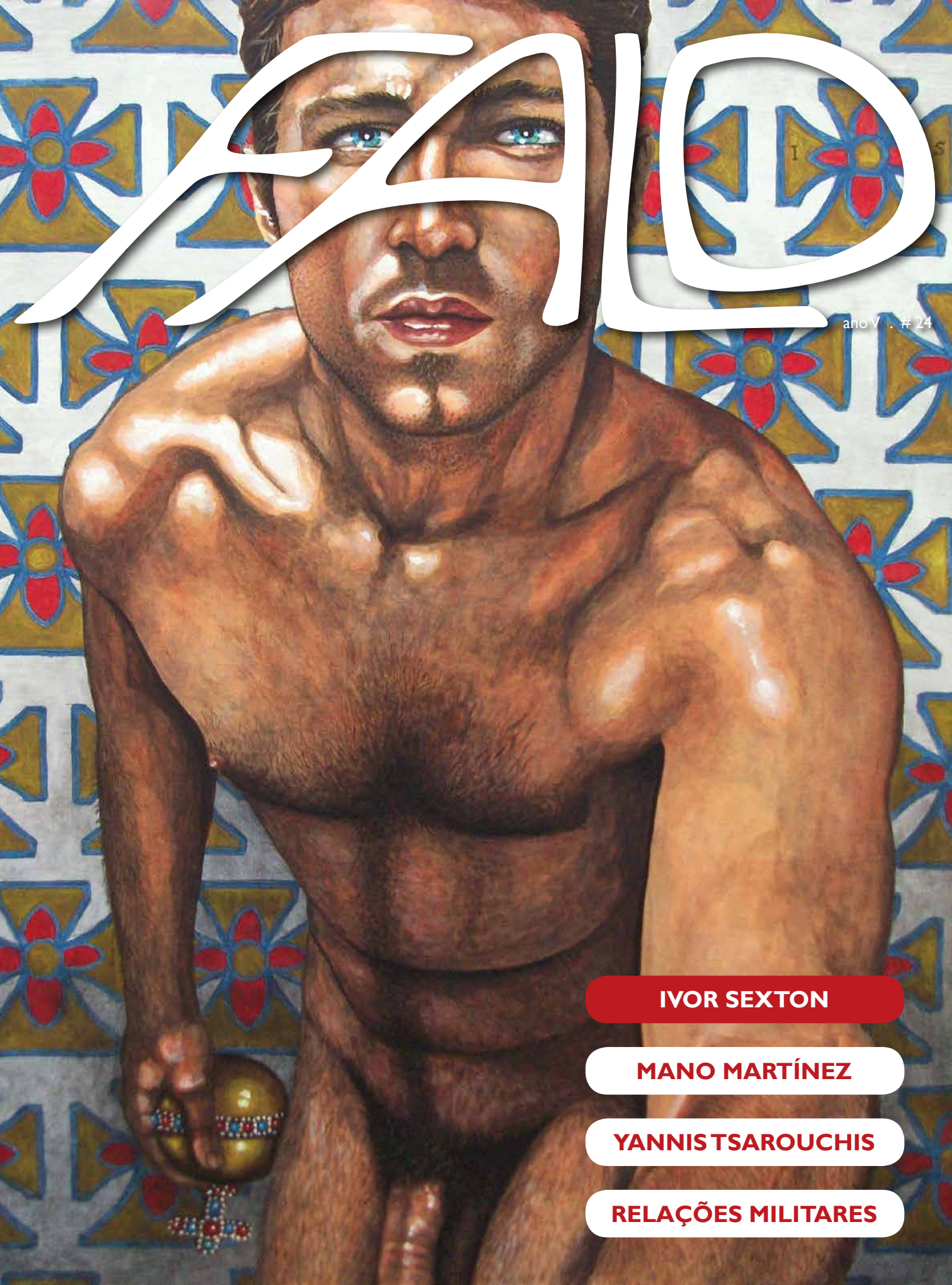


ALTO

ano V . # 24



IVOR SEXTON

MANO MARTÍNEZ

YANNIS TSAROUCIS

RELAÇÕES MILITARES

Sumário

FALO® é uma publicação bimestral.
setembro 2022.
ISSN 2675-018X
versão 20.09.22

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *A roupa nova do imperador*, acrílica sobre MDF de
Ivor Sexton, s.d.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

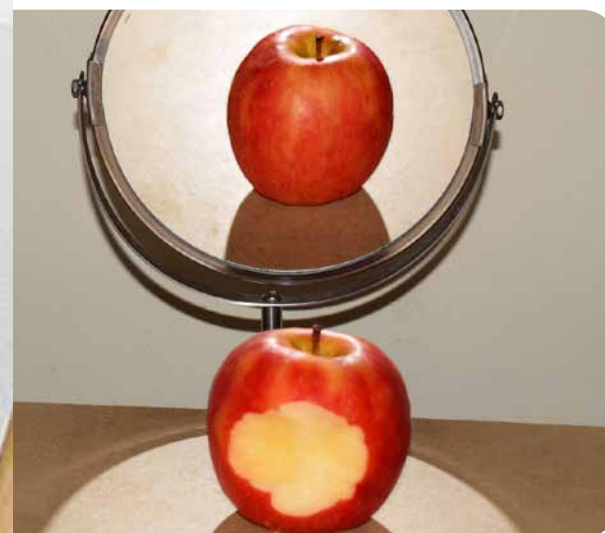
Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



COLAB55

NOVOS PRODUTOS COMPRA AQUI



Ivor Sexton

6

Mano Martínez

20

FALO DE HISTÓRIA
Yannis Tsarouchis

30

FALO EM FOCO

45

FALÓFORO

48

BIBLIÓFALO
My Buddy

50

ESPECIAL
O Batalhão Sagrado de Tebas

56

FALORRAGIA
Senhor, sim, senhor?

60

CONTOS DO FALO
Jogadores

66

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

68

FALO com VOCÊ

70

moNUmento

73

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Por mais planejamento que eu precise para produzir uma edição da Faló, as coisas costumam mudar de rumo organicamente. Veja o caso desta edição... Em julho, um amigo artista me emprestou o livro *My Buddy* sem muitas pretensões, somente acreditando que eu iria gostar da temática. Cheio de coisas para lidar, o livro ficou à espera de sua leitura.

Esta edição já estava em seu início – com as entrevistas dos artistas engatilhadas, colaboradores avisados e ideias para os outros artigos – quando peguei o livro pra ler e tudo mudou. Memórias do alistamento militar e reflexões sobre o machismo maligno que assola nossa sociedade afetando tudo e a todos... SEM EXCEÇÃO, inclusive seus próprios perpetuadores... inundaram minha mente. Resolvi perguntar aos seguidores se o constrangimento que me veio à lembrança também fazia parte da história deles e os relatos me surpreenderam fosse pela semelhança ou pela bizarrice.

Assim, a resenha do livro na coluna *Bibliófalo* se tornou o centro desta edição e meu texto falorrágico com depoimentos dos seguidores vem logo depois. Entre eles uma curiosidade sobre um invencível batalhão grego formado por amantes. Isso aí: um batalhão gay. Obrigado, Samuel, pelo empréstimo desse livro que se tornou uma porta para o conhecimento, o pertencimento e a reflexão.

Ivor e Mano, os artistas desta edição, são excepcionais. A história nos mostra um grego tanto clássico quanto contemporâneo em sua busca por adequação. Adão é sempre direto e divertido em suas charges, enquanto a ilustração de Marlon mantém sua linha “safafa” (safada e fofa). Rigle nos lembra que nosso prazer deve ir além do que o outro dita em redes sociais. A coluna *Falóforo* traz uma colaboração única entre fotografia e bordado com um modelo já conhecido e desejado pelas redes. Já a seção *moNUmento* amplia a diversidade de corpos: vá lá e veja se você percebe que temos um corpo com nanismo!

O novo conto inédito de Jozias, de repente, pareceu ecoar o assunto que o livro trouxe. A amizade entre homens pode afinal existir ou haverá sempre uma tensão sexual no ar?

O que você acha?

Leia, olhe ao redor e reflita.

Filipe Chagas, editor





Ivor Sexton

por Filipe Chagas

Somos feitos de histórias. Boas e ruins. São essas narrativas que acendem a potência criativa de **Ivor Sexton**.

Eu gosto de contar histórias. Todas as minhas pinturas têm uma narrativa, pois sinto que todo homem tem uma história para contar e merece ser visto e ouvido.

IS XVII

Isso se revela na própria história do artista. Sexton cresceu em um ambiente de classe trabalhadora em uma propriedade municipal de Portsmouth, Inglaterra. “Arte é para maricas”, diziam seus familiares, mesmo que pintar fosse realmente o que amava fazer. Foi encorajado a abraçar sua paixão por um amigo da família que também era seu abusador (“mas eu o amava tanto quanto amava minha arte, então nem tudo era tão terrível”). Mais tarde foi para a faculdade de arte e obteve seu diploma em ilustração.

Em 1979, mudou-se para Londres e passou os dez anos seguintes, produzindo ilustrações para revistas de moda e música, livros e publicidade. Após esse período, decidiu pintar em tempo integral. Em 2000, começou a trabalhar em uma enfermaria de psiquiatria usando a arte como terapia com os pacientes (“isso teve grande impacto na minha pintura, pois desenhei a partir de minhas experiências”).

Mudou-se para o sul da Escócia, em 2008 e iniciou uma “cruzada pessoal para reintroduzir o nu masculino na arte convencional”:

A forma masculina é muito importante para mim. Isso moldou minha educação... é o que me faz quem eu sou. Por muitos anos, o nu masculino foi classificado como secundário ao nu feminino. Parecia ser demonizado pela ordem social imposta, como se só houvessem dois visuais principais de homem... a “Fantasia do Adônis” e a nudez “Pornô Chocante”. Eu queria pintar homens reais de todas as idades.



Acima: Meninos não brincam de bonecas.
Abaixo: Sorria, não pode ser tão ruim assim.



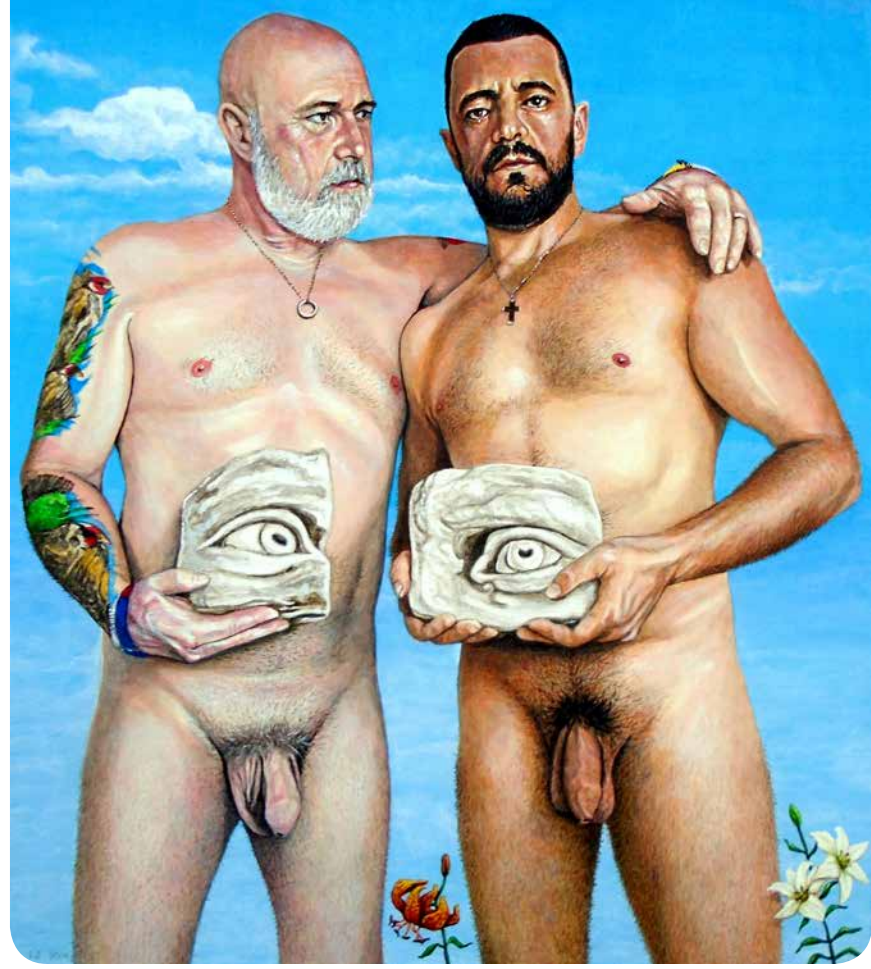
Valete de Copas.





Fantasma do ator.

Através dos olhos de Davi.



O ventríloquo.

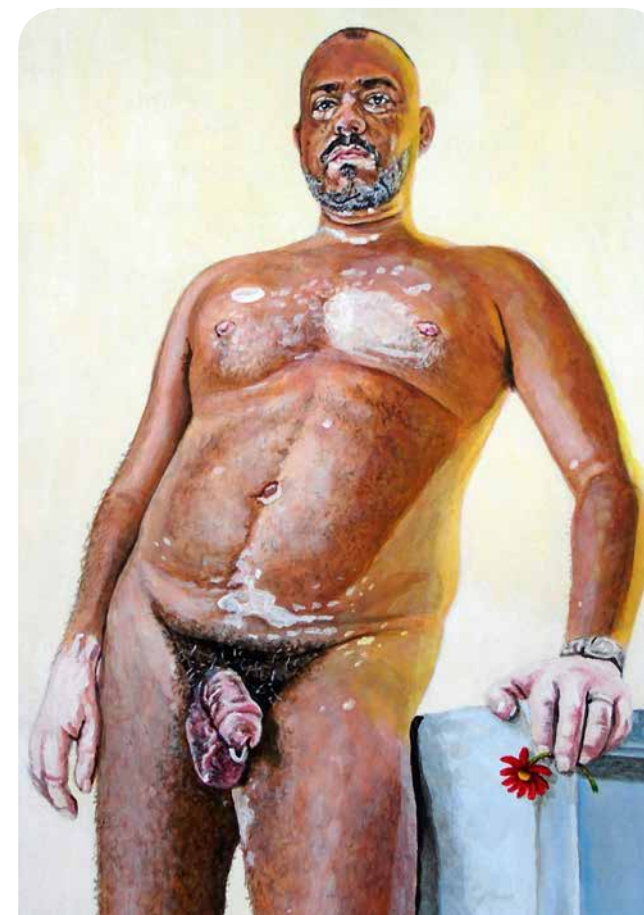




Acima: *Vendo você sem mim*,
Sozinho na multidão e *Solitude*.
Abaixo, na página ao lado:
Margarida vermelha e *Castor*
e *Pólux*.

Lembra que a recepção foi dividida: uns viam o trabalho como pornográfico (“foram muito vocais em me dizer que eu estava corrompendo as crianças e que eu iria queimar no inferno”), enquanto outros estavam torcendo por ele e o apoiando. Por isso, levou anos para se reconhecer como artista, acreditando que, além da temática, sua formação em ilustração o impediria de ser validado pelo sistema de arte. Somente quando foi contatado pelo curador de uma galeria de arte contemporânea na Suíça e viu sua obra exposta que percebeu o seu lugar na Arte.

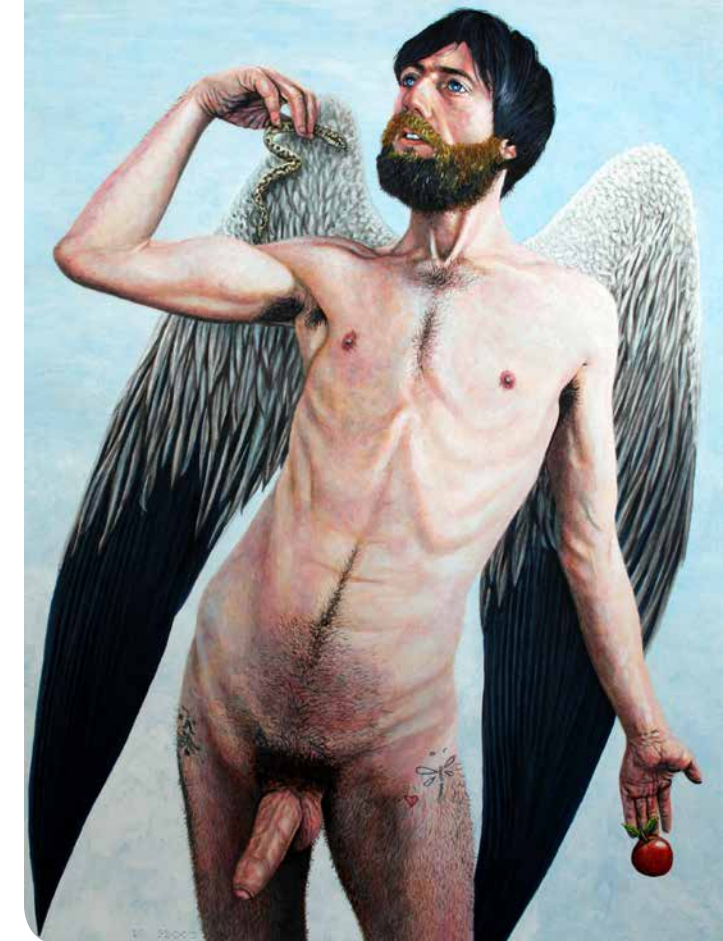
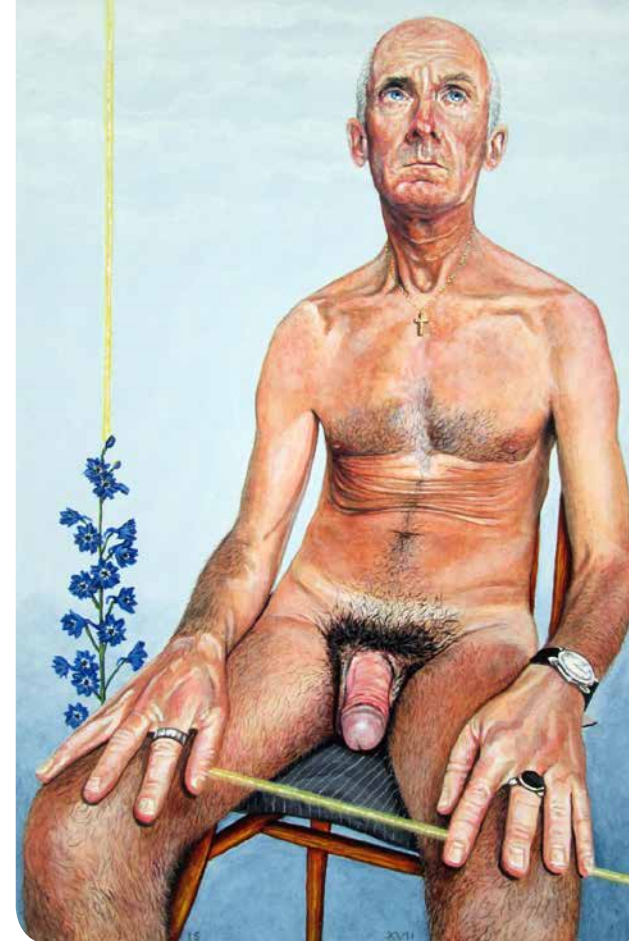
Inspirado pelo naturalismo e pela arte sacra do Renascimento de Da Vinci, bem como a força expressiva de Lucien Freud e Francis Bacon e o visual cinematográfico de Derek Jarman, Sexton constrói seus retratos como um quebra cabeça (“cada pedaço é pintado individualmente até eu conseguir o todo”) em placas de MDF (“gosto da planicidade para garantir mais detalhes”). Entretanto, diz que seu processo criativo é orgânico, que pode vir de uma simples ideia, de uma música, de uma leitura, tendo os modelos como peça fundamental:



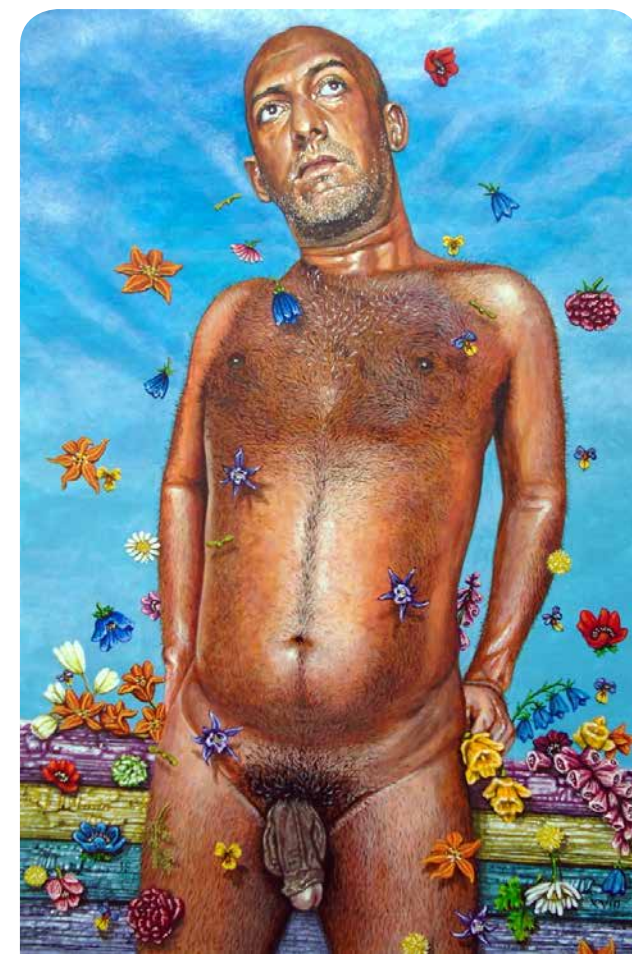
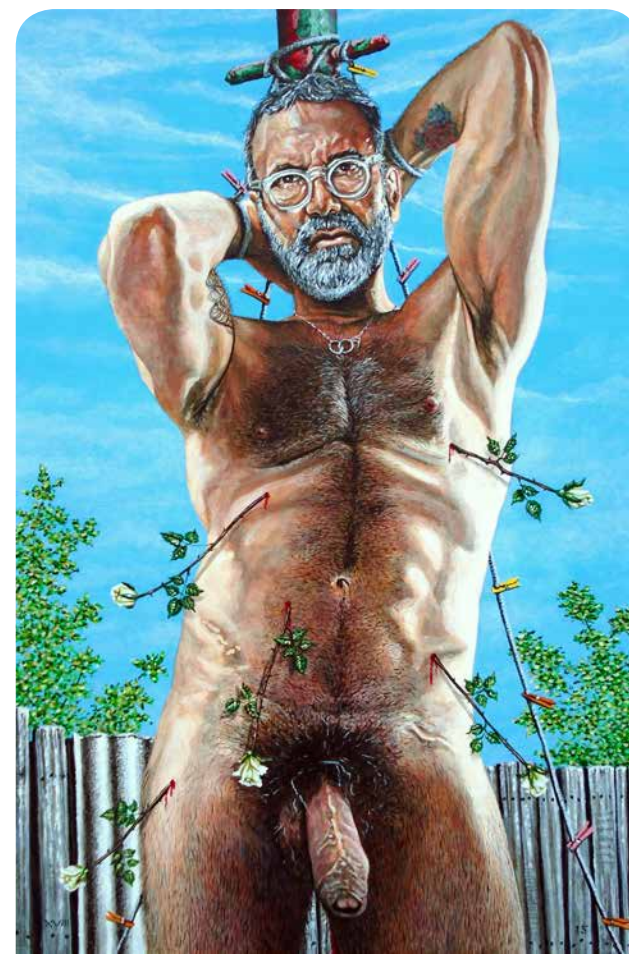
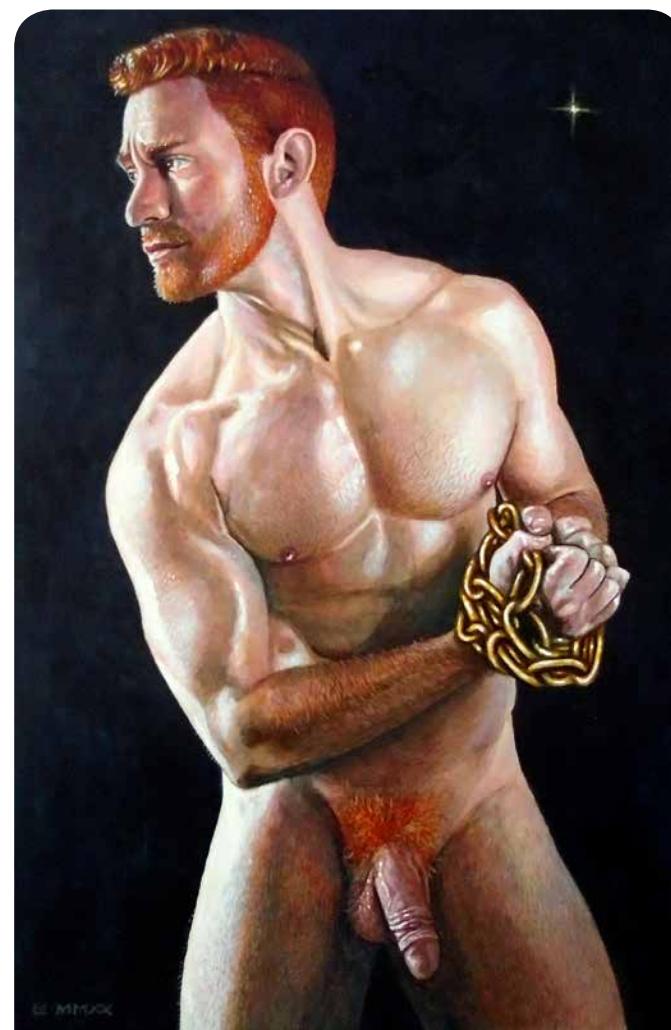
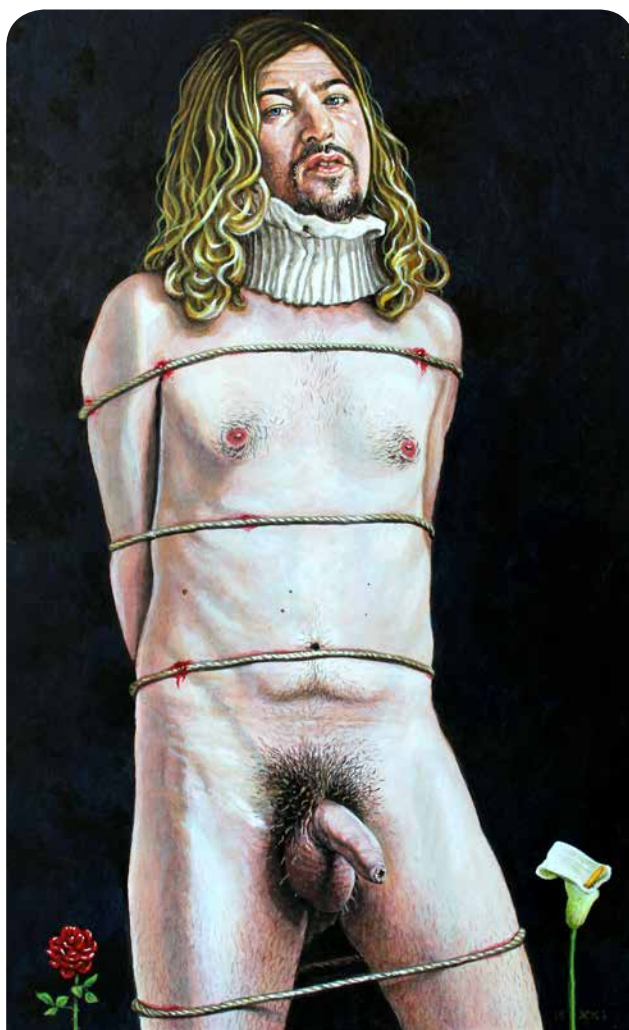
Ou eu tenho uma ideia para uma pintura e então procuro um modelo que se encaixe no cenário ou vejo um modelo e algo estala na minha cabeça sobre como vou pintá-lo. Com um modelo, obtenho a pose e o sentimento que preciso, mas gosto de construir um relacionamento com ele antes de pintá-lo para capturar parte de sua essência na pintura, mesmo que esteja retratando um personagem fictício.

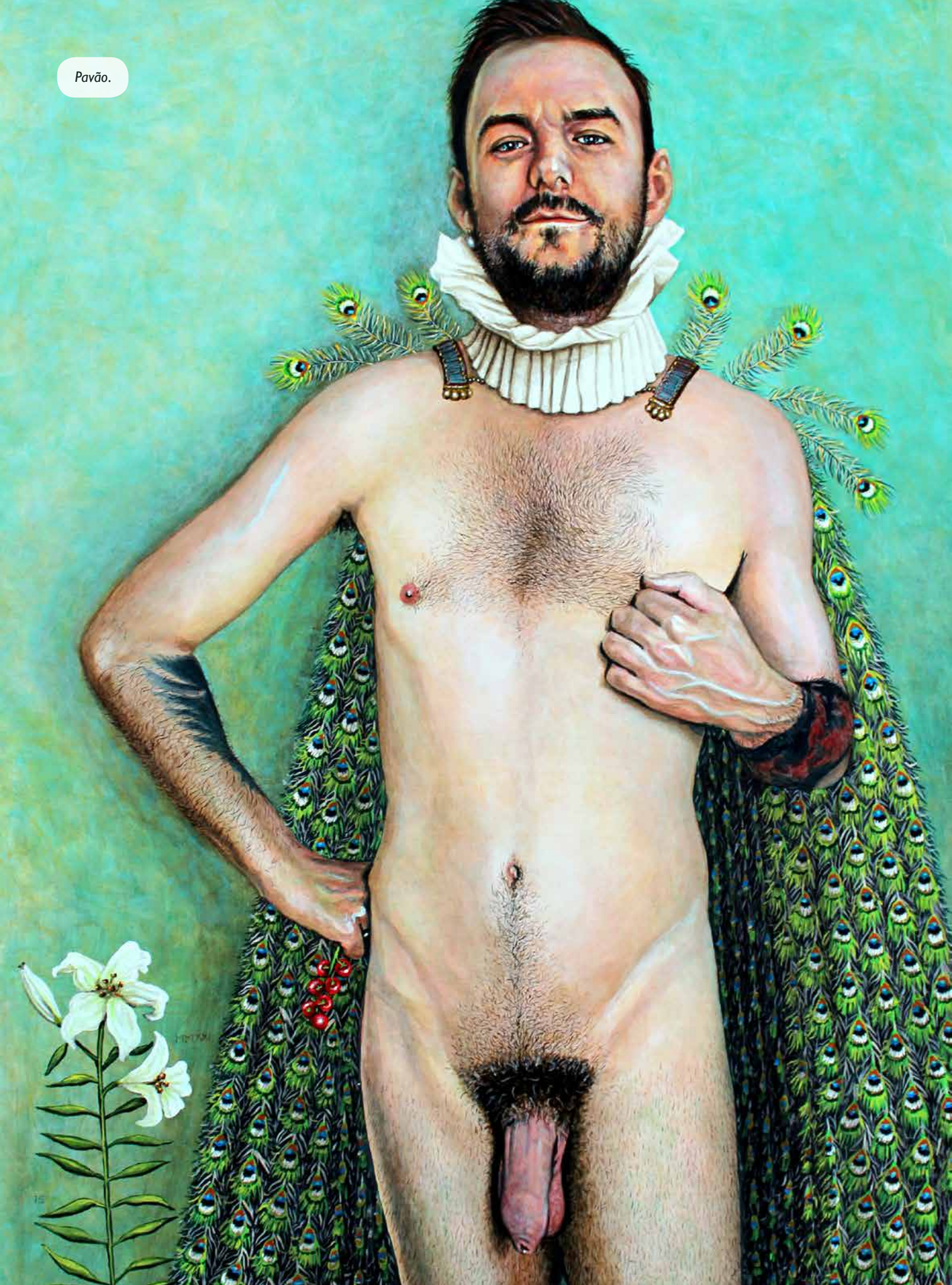


Ao lado: Por dentro estou gritando.
Abaixo: Êxtase do mártir e São Pedro acorrentado.



Acima: E... deus e Caindo em desgraça.
Abaixo: Mártir das rosas brancas e Dos Céus as flores caem.





Sexton acredita que a forma masculina deve ser vista pela Arte em pé de igualdade com a forma feminina, então, todo aspecto físico do homem deve ser importante sem receber atenção especial. Para ele, o pênis deve ser mostrado como parte única do homem, como parte de quem ele é (“não existem dois pênis iguais, como o nariz em um rosto”), e também como uma forma de educação sexual (“se os puritanos insistem em escondê-lo, como diabos as crianças devem diferenciar entre algo que é natural e algo que é sexual?”). Já a ereção traz questões complicadas, como a dificuldade de exibição ou venda pela maioria das galerias e o estereótipo de pornografia que uma pintura ganha (“ainda estou tentando criar uma pintura de um homem com ereção que conte uma história sem ser a primeira coisa que se nota”).



Acima: Davi reclinado.
Ao lado: Jock vermelha (duas imagens de um tríptico).





Trapezistas.

Nos últimos anos, tem visto uma mudança na aceitação do nu masculino na Arte, conseguindo participar de exposições bem sucedidas dedicadas à temática. Pretende continuar a pintar “atacando esses puritanos”, enquanto se sentir inspirado, feliz e capaz, porque como gosta de dizer:

Tudo realmente é sobre o amor.

E é. **8=D**



Desbotando (autorretrato).



*Cirurgia
plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

Mano Martínez

por Filipe Chagas

Teimoso, apaixonado e perfeccionista. Assim se define o fotógrafo Mano Martínez que ainda completa:

Tenho uma mente aberta, mas sou seletivo por natureza e não fico calado sobre o que penso.

Deixa claro que seu diferencial está na ausência de produção e pós-produção em suas fotografias autorais, que usam luz natural, espaços domésticos e modelos “que não vivem da sua imagem”, ou seja, reafirma que seu trabalho é “honesto e não-pretensioso”. Suas referências não vêm apenas do mundo fotográfico: a rua, a música, o cinema, a televisão, o pornô, a moda, tudo o influencia para a construção de uma perspectiva própria do artista.

Minhas fotos são todas improvisadas. Vou à casa dos rapazes e a luz, o espaço e o homem inspiram-me naquele momento. Uma ou, com sorte, duas fotos ótimas podem sair de uma sessão de fotos, que são as que vou expor. O resto vai para o lixo.



Roger, 2021.



Carlos, 2021.



Ramon, 2020.



Em 2003, matriculou-se em um curso de fotografia na Escola de Arte e Design Superior Serra i Abella em Barcelona – onde nasceu e vive –, mas sua primeira sessão de fotos masculinas nuas foi somente em 2011 com um rapaz que conheceu em um aplicativo de relacionamento. Após ir à cidade do rapaz, na casa dele e fotografá-lo em seu próprio ambiente, na sua zona de conforto, entendeu que também estava assumindo um papel de voyeur – que se transformou em um blog chamado Yes It's a Sin, hoje inativo. E, quando parou de trabalhar em empregos que não tinham nada a ver com fotografia artística (trabalhou anos com moda e publicidade) para se dedicar ao que realmente ama, finalmente se viu como artista.



Luaiso, 2019.



Jelu, 2021.



Alex, 2021.



Edu III, 2022.

Nico, 2016.



Andy Warhol, Pierre et Gilles, Robert Mapplethorpe, Bruce Weber, Herb Ritts foram, para ele, os primeiros a celebrar o corpo humano na fotografia e, portanto, os pioneiros na verdadeira liberdade de expressão e normalização do nu masculino na Arte.

O corpo do homem me inspira desde antes de eu ser fotógrafo. É como uma paisagem acolhedora para mim, dialogo livremente com ela e ela me responde. E me dedico apenas a isso porque gosto de me sentir especializado.

Costas, bunda e curva da virilha são as partes que Mano considera mais interessantes. Em contraposição rosto e o pênis só aparecem se acrescentarem algo na composição plástica e realcem o todo sem se tornarem o foco único da imagem. Ereção, então, nem pensar, pois deseja transformar os modelos em objetos somente, não em objetos sexuais:

Não tenho a intenção do meu trabalho ser erótico ou sexual, mesmo que algumas pessoas achem que seja. Nem mesmo busco a beleza do modelo. A nudez nem sempre deve ser associada ao sexo. Temos que romper com isso. É assim que o Instagram pensa e censura artistas que usam o corpo nu como meio de expressão.

Acima: Juan, 2019.
Ao lado: Harold, 2022.



Aliás, o fotógrafo atenta que o pudor estadunidense está interferindo na aceitação da nudez masculina e das novas masculinidades pelo mundo da arte. Por isso, pretende continuar sua produção fotográfica, com a oportunidade de viajar o mundo e mostrar que um trabalho autoral é capaz de oferecer prazer e reconhecimento. **8=D**

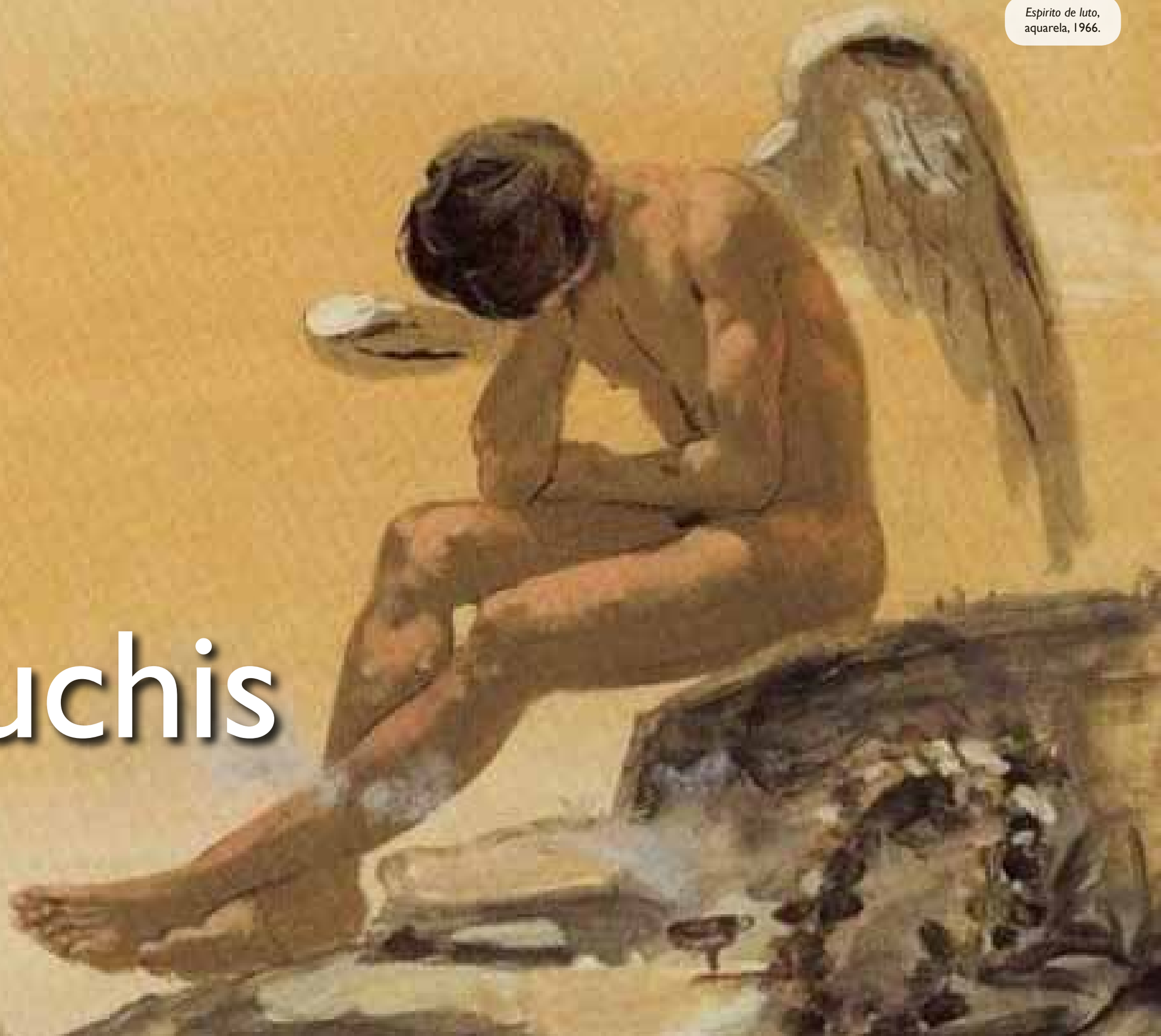
Falo de História

por Filipe Chagas

Espirito de luto,
aquarela, 1966.

Yannis Tsarouchis

1910-1989



O artista grego **Yannis Tsarouchis** (1910-1989) permaneceu na história como aquele que tentou equilibrar a tradição popular, a arte bizantina, o estilo neoclássico e a modernidade. Além de pintor, foi diretor teatral, cenógrafo e figurinista de renome internacional.

Tsarouchis cresceu na Grécia neoclássica, cercado por ruínas, belas casas, estátuas e frontões helenísticos. No Pireu, “onde a luz é prata e ouro”, desenvolveu uma forte ligação com suas origens gregas, que foi pesquisando e aprimorando ao longo dos anos. Embora criasse figurinos desde os seis anos de idade, seus pais o imaginavam como um grande advogado ou mecânico. A família Tsarouchis se mudou para Atenas em 1927, mas o Pireu e o *Karagyozis** já estavam profundamente enraizados na alma do artista.

Aos 18 anos, entrou na Escola de Belas Artes de Atenas, onde aprendeu a preparar suas próprias telas e se apaixonou pelas cores ocre e marrom-avermelhado. Também se envolveu ativamente com o teatro, fazendo figurinos e adereços para o Teatro Nacional Princesa Malena. Em 1929, seus primeiros estudos de paisagens e naturezas-mortas foram expostas no coletivo Art Asylum. Em 1931, foi apresentado à arte da hagiografia bizantina por Fotis Kondoglou.

Se eu fosse reviver minha carreira artística, procuraria um bom artesão para aprender bem a técnica da pintura e não iria à escola, onde os professores estão tentando preencher sua indicação com palha. Tornei-me aluno e assistente de Kondoglou para aprender o máximo que pudesse sobre a pintura bizantina. Era a única solução, pois queria combinar o eterno desenho grego com cor pura, execução rápida à mão livre e o chiaroscuro renascentista. Após três anos, busquei outros mestres a quem muito devo... Cada um deles me deu a força e a amargura do conhecimento.



Tsarouchis com modelo em seu estúdio. Foto de Herbert List, 1949.

*Teatro de sombras de origem chinesa que chegou à Grécia pelas caravanas ciganas turcas e se tornou um teatro adulto muito popular e depois um teatro cômico para crianças. Hoje é reconhecido pela UNESCO como patrimônio imaterial.



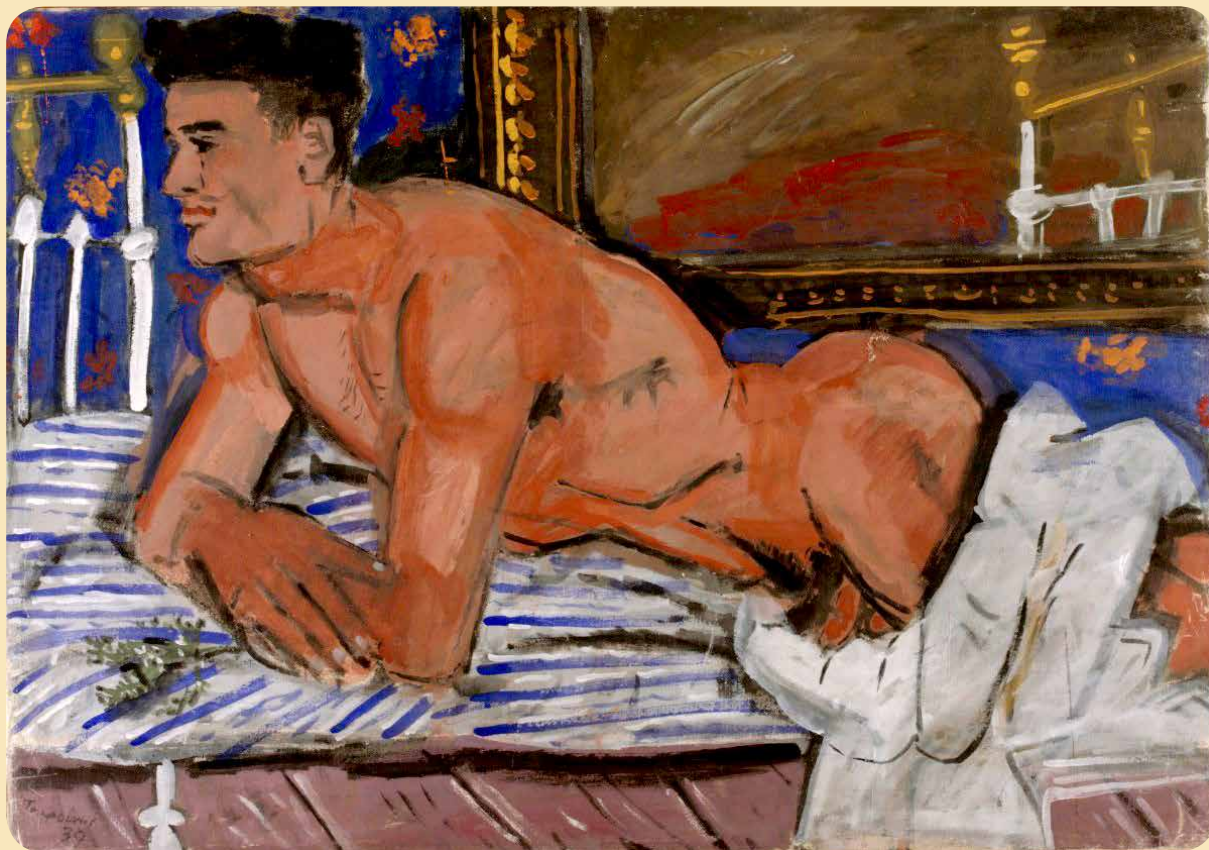
Nu em pé e sentado, óleos sobre tela, 1933.

Em 1934, em um navio para Constantinopla (hoje, Istambul), Tsarouchis assistiu a uma apresentação de *zeibekiko*, uma dança folclórica grega realizada por homens e caracterizada por uma expressão emocional e improvisada de gestos individuais. O poder afetivo dessa dança deixou uma marca duradoura no artista: ele fotografou, desenhou e pintou dançarinos até a década de 1980. No mesmo ano, aprendeu a tecer, fundou o grupo teatral *Laiki Skini* e ainda começou a escrever poesia surrealista.

No ano seguinte, fez sua primeira viagem a Paris e Roma. Apaixonado por Delacroix, Vermeer e Caravaggio, descobriu a vanguarda de Henri Matisse e Alberto Giacometti e produziu uma série de pinturas abstratas. Em 1938, fez sua primeira exposição individual na

Grécia com pinturas em que seu estilo pessoal, fruto dos seus estudos e aspirações, começava a transparecer. Recebeu elogios dos críticos atenienses como “um impulso revolucionário em meio à contemplação clássica”.

Tsarouchis lutou nas forças armadas gregas durante a guerra greco-italiana, no curso da Segunda Guerra Mundial, em 1940. Foi encarregado de camuflar as instalações e uniformes militares, sem jamais parar de pintar, criando retratos dos soldados. Em algumas de suas pinturas subsequentes, trabalhou os tabus em torno de homens de uniforme. Durante a ocupação alemã, trabalhou principalmente como cenógrafo, restaurador e decorador para ganhar a vida.



Acima, *Jovem posando como Olímpia*, cola e pigmentos sobre tela, 1939.
Abaixo, *A prisão dos três comunistas*, aquarela sobre papel, 1944.

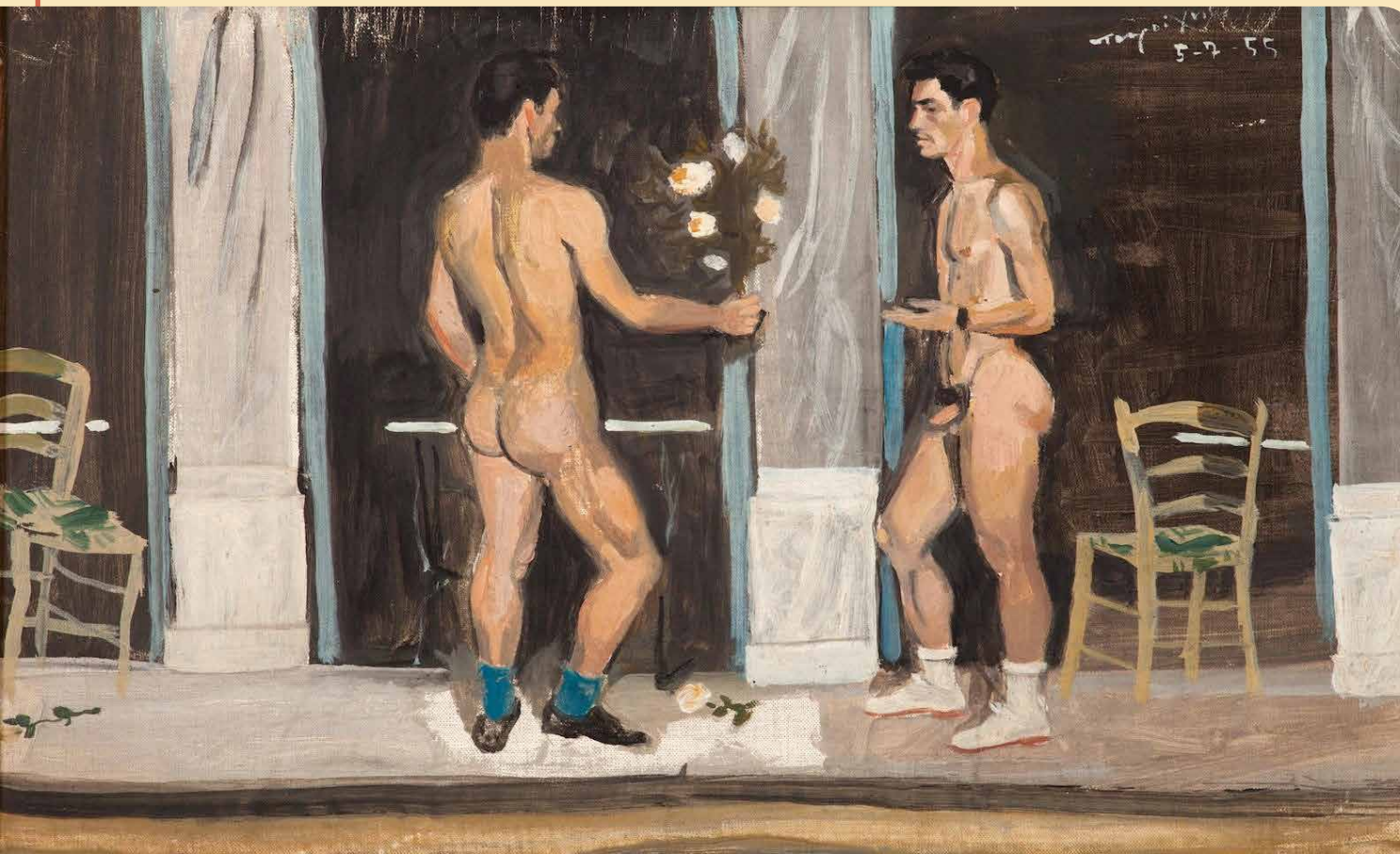


Marinheiro sentado com nu deitado, guache sobre tela, 1948.



Membro do grupo Armos, fundado em 1949, Tsarouchis tomou duas direções diferentes: uma orientalista e sensualista com forte influência de Matisse e da arte bizantina, e outra do ideal grego expresso por elementos da escultura clássica helênica e pintura de vasos bem como os movimentos renascentista e barroco. Essas referências constantes ao passado e ao presente, da escultura antiga à arte popular, formaram sua visão sobre as complexidades da identidade da Grécia.

Desde criança tento captar o que me toca profundamente e acho que a melhor maneira de fazer isso é combinar desenho e cor. Duas são minhas buscas básicas, apesar de todas as mil diferenças que meus trabalhos têm: assimilar o antigo ideal clássico, expresso pelo Barroco e pelo Renascimento, e expressar todas as minhas objeções ao meu próprio ideal.



Acima, *A pequena praia*, técnica mista sobre tela, 1962.

Na página ao lado, acima, *Nu deitado*, óleo sobre tecido, 1957; abaixo, *O buquê*, técnica mista sobre canvas em painel, 1955.

Participou das exposições do grupo em 1949, 1950, 1953, 1954. Em 1951, expôs pela primeira vez em Paris e Londres (onde também teve pinturas, cenografias e desenhos apresentados em 1952). De 1953 a 1957, teve contrato com uma galeria em Nova York, o que lhe deu uma renda estável para que pudesse pintar algumas de suas melhores obras, como *O batalhão esquecido*. Foi indicado ao Prêmio Guggenheim em 1956 e, dois anos depois, representou a Grécia na Bienal de Veneza.

Durante a ditadura militar grega (1967-1974), Tsarouchis se exilou em Paris, mesmo sendo membro da Câmara de Belas Artes da Grécia. Entre 1972 e 1973, várias exposições de seu trabalho foram organizadas em cidades italianas, como Roma e Bolonha.

O baralhão esquecido,
óleo sobre tela, 1956.





Policia militar
prende o Espirito,
aquarela e lápis
sobre papel, 1965;
e Perfeição, guache
sobre papel, 1967.



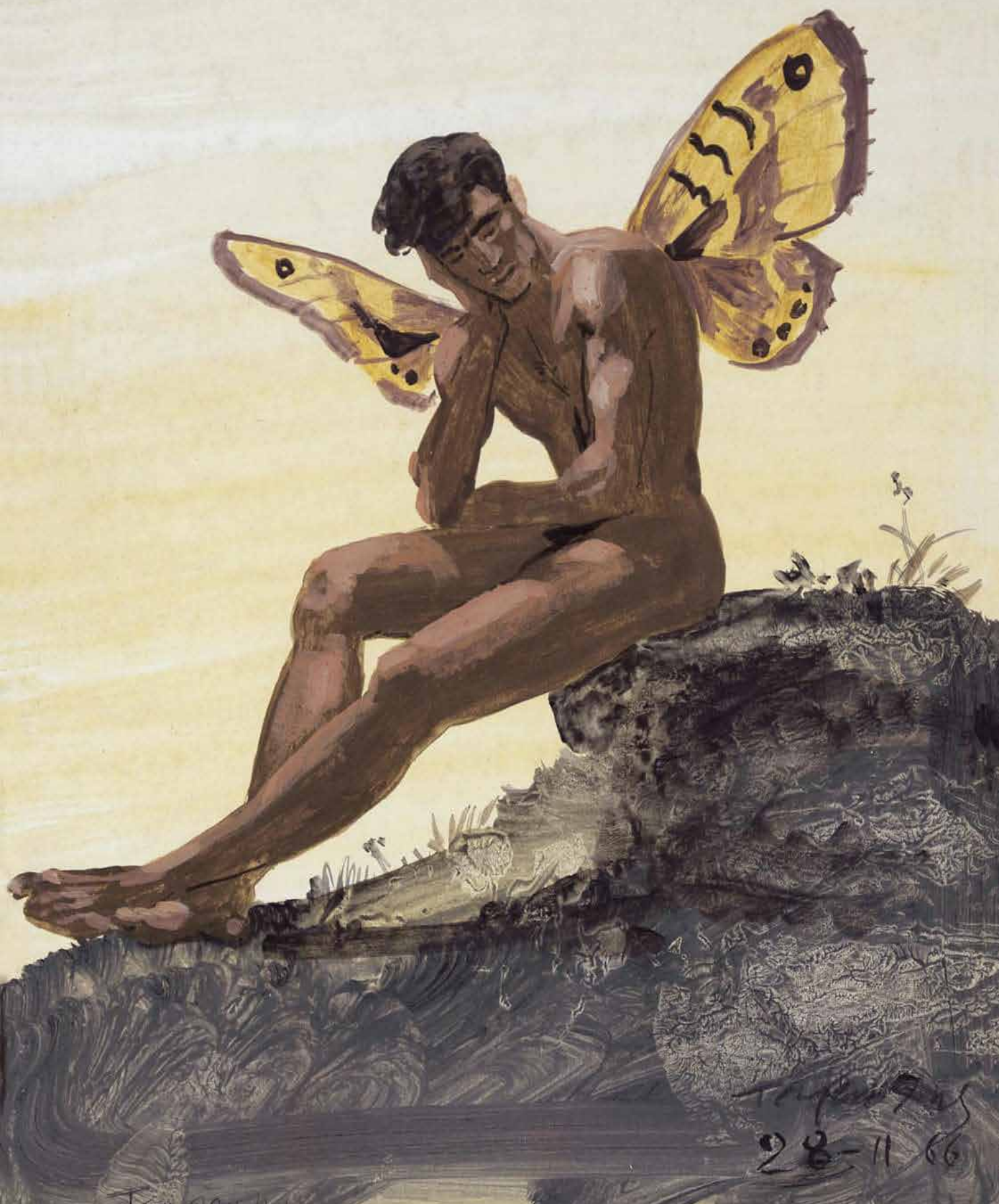
Espirito do tédio
sobre o Pireu, óleo
sobre tela, 1984.

Em 1981, fundou a Fundação Yannis Tsarouchis e, no ano seguinte, foi inaugurado o Museu Yannis Tsarouchis, em sua residência em Marousi, para divulgar e incentivar o estudo de sua obra através de exposições anuais sobre temas específicos. Com seu retorno definitivo à sua terra natal, várias mostras celebraram sua obra em vida. Ele continuou a trabalhar como cenógrafo até o fim de sua vida. Em 1989, preparava-se para encenar "Orestes", de Eurípides, traduzido, dirigido e com cenários e figurinos de sua autoria, quando faleceu aos 79 anos.

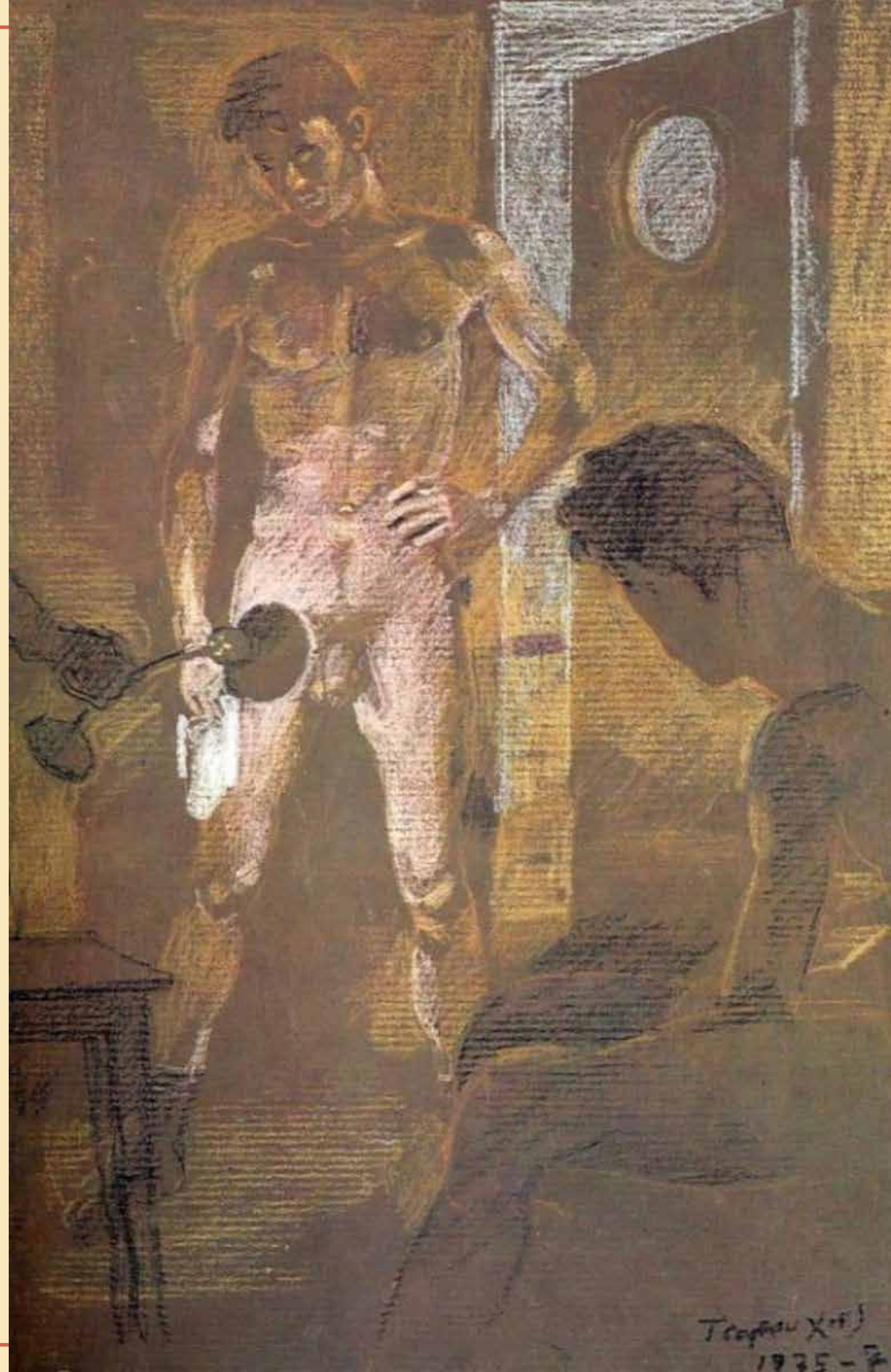
Diz-se que pintava conversando com seus modelos, amigos e assistentes, e ouvindo música, que ia desde canções folclóricas e óperas a Beatles e Rolling Stones. Quando perguntado se havia uma mensagem geral em seu trabalho, Tsarouchis respondeu:

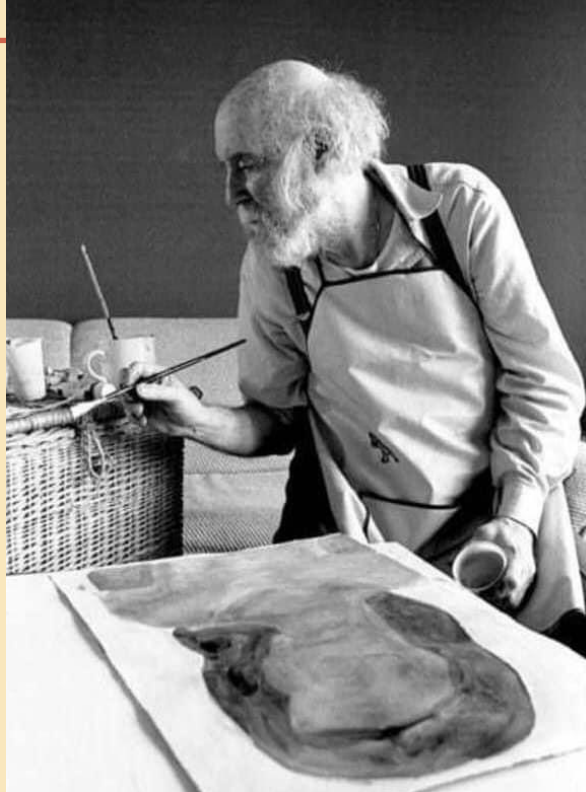
Não ousou dizer, para não parecer que eu finjo ser um grande artista, mas, através de minhas pinturas e cores, quero encontrar paz e tranquilidade na minha vida e compartilhá-la com outras pessoas.

Espírito a pensar,
óleo sobre tela, 1966.



Sem título,
pastel sobre
cartão, 1975.





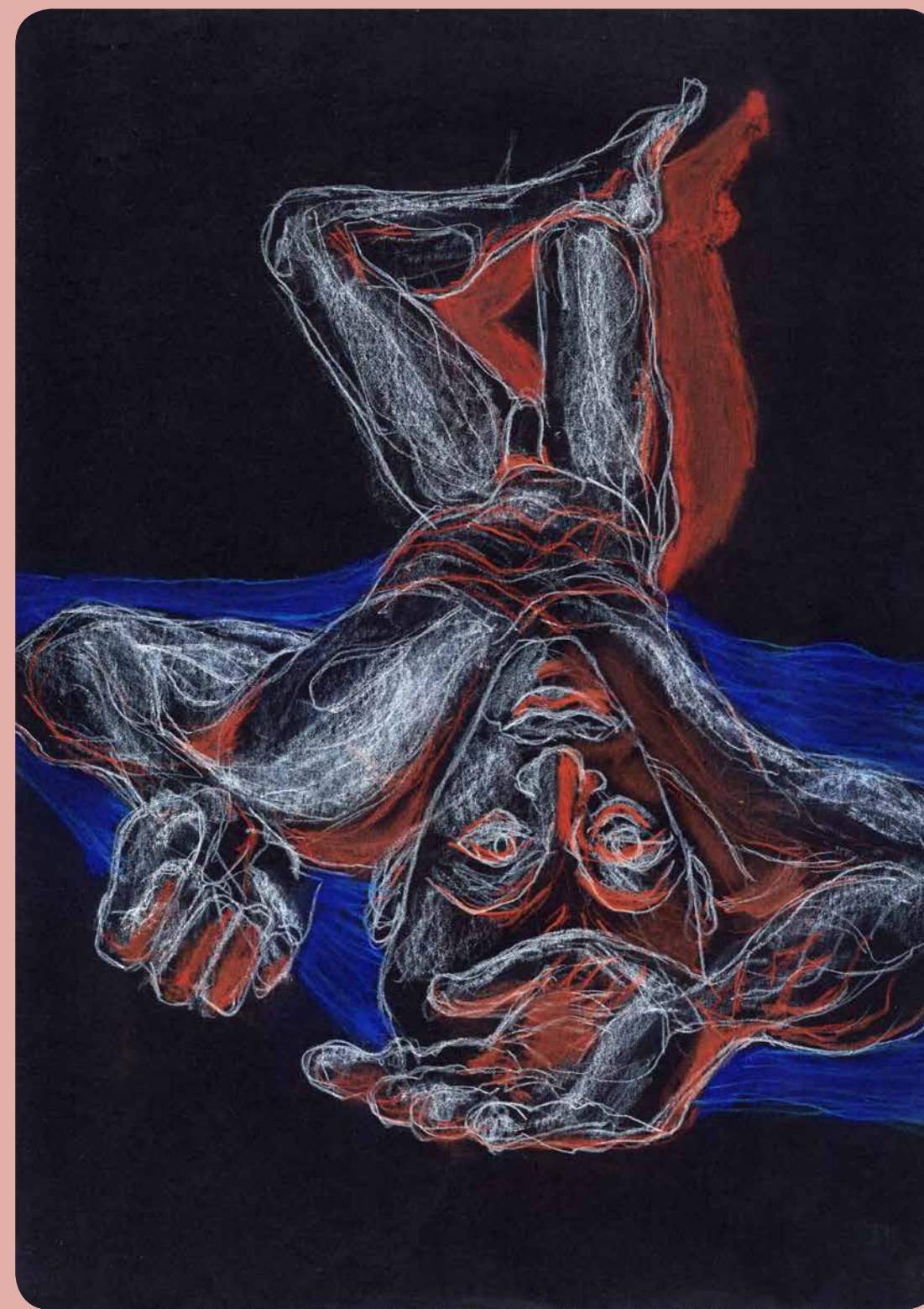
* Em 1952, uma de suas pinturas foi removida de uma exposição depois que a Marinha Real Helênica denunciou sua representação de um marinheiro em uma cama com um homem nu como ofensivo. Em 1959, uma encenação de *Os Pássaros* de Aristófanes, com cenografia do artista, foi cancelada quando o governo grego de direita impôs duras medidas contra a homossexualidade.

Vale ressaltar que o pintor retratou a vulnerabilidade e a energia sexual latente do corpo masculino, em metáforas mitológicas e representações de marinheiros, muitas vezes, pintados nus, com um sentimento de inadequação à uma sociedade conservadora. Foi visto como controverso por “humilhação ao homem grego”, bem como foi censurado pela poderosa Igreja Ortodoxa Grega*. No entanto, sua relevância artística internacional levou a uma “vista grossa” dos críticos. Hoje suas obras são analisadas como uma recodificação pioneira e radical dos papéis e hierarquias convencionais de gênero representados no modernismo da década de 1930. Deixou como conselho para jovens artistas:

Confesse com sua arte. Fale de sua vida, do que lhe interessa. Quando se confessa, milhões de pessoas encontram satisfação e se sentem mais leves.

8=D

Falo em Foco



Noite III (Juliano), pastel sobre papel preto de João Carvalho, 2022.



Dois homens no interior, guache sobre papel, 1979.

SEJA MAIS.

**ben
feita
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês

agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral (capa variante) com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral (capa variante) e revistas especiais com antecedência por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Alexandre Teixeira, Edgar Silva, Orlando Amorim, DUOCU, Giovanni Ravasi, Luiz Gustavo Silva, Marcelo Reider, Silvano Albertoni e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Marcos Rossetton

FALÓFORO

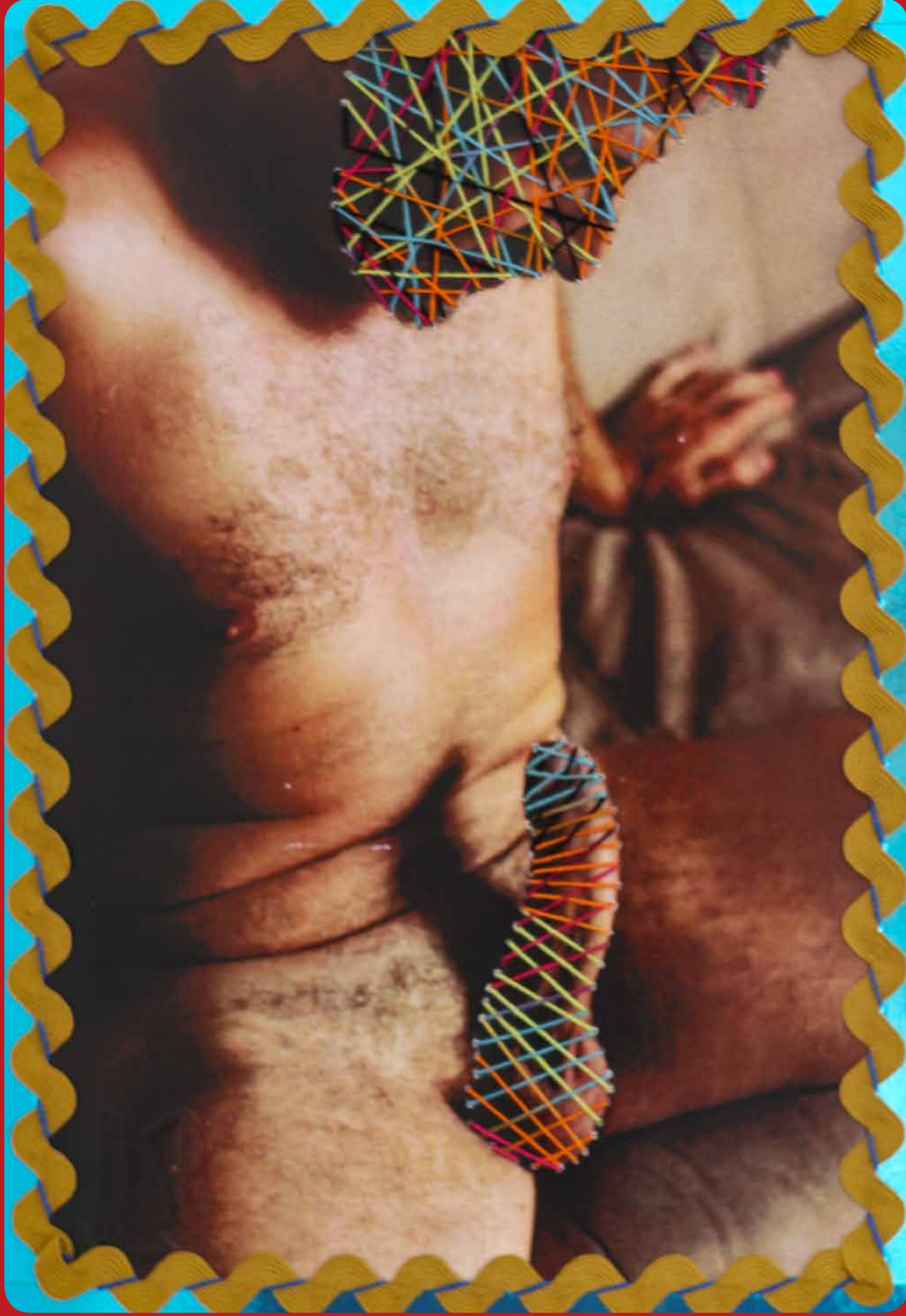


Foto: Guilherme Corrêa | Modelo: Rodney.

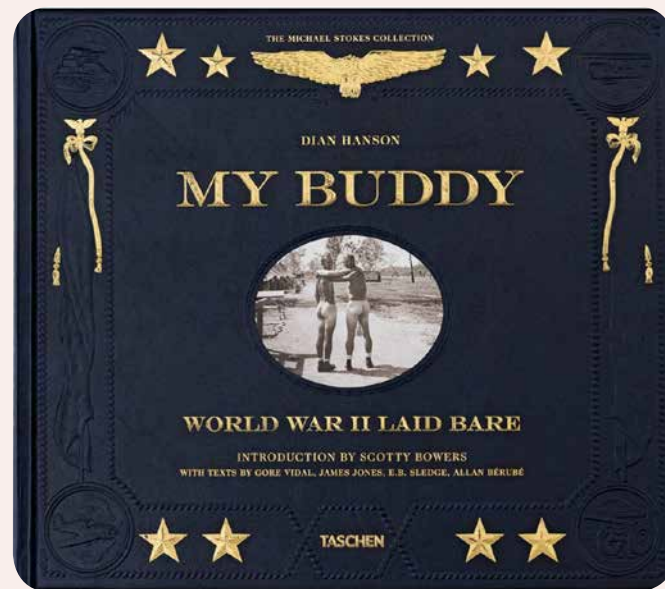


My Buddy: World War II laid bare

de Dian Hanson (2014)

Um livro da Taschen, organizado por Dian Hanson – a mesma do *The Big Penis Book* –, com capa de couro, letras douradas e a imagem de dois soldados abraçados com a bunda de fora é, no mínimo, para se dar uma olhadela. Só que esse livro tem algo a mais: são registros históricos feitos pelos próprios soldados durante a Segunda Guerra Mundial de seus momentos de descontração e... nudez!

Como todo o livro da Taschen, as imagens por si só já são incríveis e são o que acabam atraindo os leitores. Ainda, os textos de Hanson são sempre muito interessantes e contextualizadores – como, por exemplo, o fato de que os soldados não levavam roupa para guerra, ou seja, passavam o tempo todo com a mesma cueca, que era lavada em rios. Ela diz que, ao tentar categorizar as imagens por nacionalidade, percebeu que, se não aparecessem uniformes, armas ou veículos identificadores nas fotos, ingleses, australianos, russos, americanos, franceses... todos eram jovens soldados, marinheiros, aviadores ou fuzileiros nus e sorridentes, aproveitando aqueles segundos de descanso e alento. Em suas palavras: “a nudez foi o grande equalizador”



Acima, capa do livro. Abaixo, imagem central ampliada.



O problema é que neste livro Hanson faz somente um prefácio, pois o texto principal é uma fala machista, racista e homofóbica de um ex-soldado da época – já com 90 anos – que, em alguns momentos, justifica a masturbação coletiva, a patolada e o bullying com a inocência da juventude e a proximidade da morte. É preciso ter temperança para atravessar o discurso de Scott Bowers e também contextualizá-lo.

A chamada “Camaradagem Militar” se faz presente pela necessidade de confiança em situações letais de perigo extremo. Desde o treinamento, soldados aprendem a conviver uns com os outros, em uma união quase matrimonial: dorme-se, come-se, banha-se, caga-se, tudo junto. A ideologia política não significava muito na linha de frente, mas um homem seguraria as pontas para proteger o amigo ao seu lado. Em *Wartime*, o autor Paul Fussell cita um soldado: “Demorei quase toda a guerra para descobrir pelo que eu estava lutando... Era pelos outros caras”. Bowers informa que até mesmo a aparência dos fuzileiros garantia isso, já que todos eram brancos, altura semelhante, corpos em boa forma, sem óculos, mesmo corte de cabelo... afinal, fica mais fácil amar o próximo e dar sua vida por ele, quando ele é a sua cara. Narcisismo puro.

Ficamos sabendo também que usava-se de psicologia para banir possíveis gays ou emocionalmente vulneráveis ainda no alistamento. Contudo, uma análise posterior de dados, revelou que muitos daqueles considerados fracos no treinamento (chamados de “tímidos” por Bowers) eram os que se tornavam mais fortes com o vínculo da camaradagem, enquanto, os “fortões” (“pegadores” para o ex-soldado)



entravam em colapso psicológico. Bowers ainda discorre uma raiva homofóbica sobre os marinheiros em seus uniformes brancos e revela que membros do alto escalão da Marinha se relacionavam com os aspirantes.

Bowers confirma a informação de Hanson sobre a falta de cueca e acrescenta que os soldados ficavam 20, 30 dias sem tomar banho por causa da constante chuva. Em uma passagem do livro *With the Old Breed*, E. B. Sledge conta que, em momentos de trégua, os batalhões que não possuíam instalações de banho tiravam suas roupas e se ensaboavam enquanto a chuva caía. Como as chuvas no Pacífico tinham duração variada, era comum ter um ou outro fuzileiro totalmente pelado cheio de sabão e sem água.

Nas trincheiras, era possível ver um monte de homens amontoados se protegendo, mas eram os momentos de trégua que

exteriorizavam as “brincadeiras de menino” e os banhos nus em rios e lagos:

Uma vez que você empurrou os japoneses de volta para a selva, a duas ou três milhas de distância, os caras podiam tirar a roupa e zoar, nadar na praia. O cara com o pau grande, o corpo bonito, era sempre o que ficava pelado primeiro. Depois outro cara, outro cara, e bum, todos estavam pelados e pulando na água. Alguém por acaso tinha uma câmera e bum, uma foto de zoação, apenas brincadeiras.

O que talvez precisemos refletir no discurso do ex-soldado é a já cansativa masculinidade tóxica. Veja a fala: “Os caras se aproximavam na guerra, quase mais perto do que uma esposa, porque você dependia um do outro para sua vida, mas, hoje, as pessoas não entendem que você pode estar tão perto sem que isso signifique algo mais”. E isso é verdade. O machismo estrutural

impede a amizade mais próxima entre dois homens heterossexuais. Impede o toque, o sentimento, o carinho, porque acredita-se que isso vá levar a algo exclusivamente sexual. A solidão do homem hétero se estabelece na impossibilidade de compartilhamento e na pressão em cumprir regras sociais.

Bowers termina seu texto falando:

Naquela época você podia colocar seu braço em volta do seu amigo, você podia nadar nu, e ninguém iria pensar duas vezes, pois você tinha uma garota em mente. Você podia até pegar no pau de um cara – você sabe que as crianças costumavam se masturbar e ver quem conseguia gozar mais longe – e isso não tinha nada a ver com a parte gay. Era apenas uma época diferente, um mundo diferente. E esse é o verdadeiro apelo dessas fotos.

Muitos vão ler e pensar “tá, sei, me engana que eu gosto”, mas é preciso pensar que a adolescência está saturada de imposições sociais sem uma real educação sexual. Com quem os

My buddy

Música de Walter Donaldson e Gus Kahn (letra traduzida)

A vida é um livro que estudamos
Algumas de suas folhas trazem um suspiro
Lá está escrito, meu amigo
Que devemos nos separar, você e eu
As noites são tão longas desde que você
foi embora
Eu penso em você o dia todo
Meu amigo, meu amigo, ninguém tão
verdadeiro
Sinto falta da sua voz, do toque da sua mão
Só desejo saber que você entende
Meu amigo, meu amigo, seu amigo sente
sua falta.

jovens garotos aprendem sobre seus corpos, seus desejos, sobre sexo? Hoje culparemos o pornô na internet, mas deveríamos estar falando do silêncio, da não-troca, da não-experimentação.

Por isso, acho que esse livro precisa ser visto com outros olhos. Ok, eu entendo que a nudez masculina vai atrair o público gay, porém, acho fundamental olhar as imagens

sem o teor sexual, como gostaria o ex-soldado. Sem seu discurso de ódio, ele teria trazido uma discussão relevante para os dias de hoje.

8=D

Todas as imagens foram digitalizadas do livro e fazem parte da coleção de Michael Stokes.



AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com

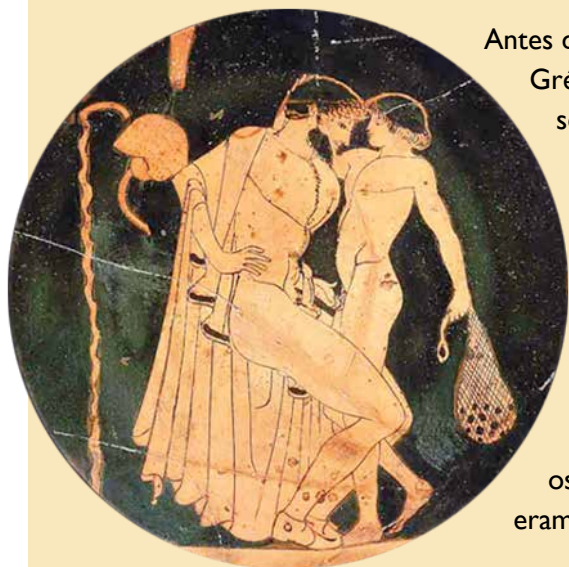


uma investigação sobre a anatomia do pênis e seus desdobramentos
an investigation into the anatomy of the penis and its consequences

O Batalhão Sagrado de Tebas

por Filipe Chagas

Por causa dos quadrinhos e do filme homônimo, os 300 de Esparta ficaram famosos e alimentaram os sonhos de homens e mulheres com o grupo de guerreiros ultra musculosos em sintonia. Talvez o que poucos saibam é que não só a ideia de um pequeno grupo de guerreiros bem treinados se espalhou pela Grécia, mas também que, menos de um século depois, o mais impressionante batalhão era formado por casais, ou seja, por pares de homens, que derrotou mais de uma vez os poderosos espartanos.



Antes de continuar a falar sobre isso, vamos entender que, na Grécia Antiga, era comum um homem mais velho (*erastes*) se relacionar com um jovem adolescente (*eromenos*) em uma espécie de rito de passagem para a vida adulta (*paiderastia*). O mais velho deveria educar, proteger e ser exemplo para o jovem em troca de sua beleza, juventude e serviência, mantendo a estrutura da civilização grega em funcionamento numa importante dinâmica de poder. A relação findava quando o mais jovem fosse capaz de crescer uma barba cheia (ou até cerca dos 30 anos). É importante dizer que nem todos os relacionamentos pederásticos eram sexuais: muitos eram simplesmente formas de amizade e orientação.



* A primeira aparição registrada de um vínculo emocional profundo entre homens adultos na cultura grega antiga foi na *Iliada* (800 a.C.), de Homero, mas o autor não descreve a relação entre Aquiles e Pátroclo como sexual e sim com uma grande intimidade. (*Aquiles enfaixa braço de Pátroclo*, cerâmica grega do séc.V.)

Vale dizer que a sociedade grega não distinguia o desejo pelo gênero dos participantes, mas sim pelo papel que cada participante desempenhava no ato sexual. O penetrador correspondia a papéis sociais dominantes, à masculinidade, status social mais alto e à idade adulta, enquanto o papel de penetrado estava associado à feminilidade, ao status social inferior e a juventude... ou seja, o patriarcado machista que até hoje se revela em homens que não se dizem gays por serem “somente ativos” remonta à origem da civilização ocidental. A inversão disso ou a relação de dois homens de idades semelhantes era considerado tabu e perversidade*.

Voltando ao “exército de amantes”... O Batalhão Sagrado de Tebas (*Hierós Lókhos*) era uma tropa de soldados selecionados, composta por 150 pares de amantes do sexo masculino que formaram a força de elite do exército tebano no século 4 a.C. O batalhão foi

originalmente formado pelo líder militar beócio, Górgidas, logo após a expulsão da guarnição espartana – com apoio de Atenas – que ocupava a cidadela tebana de Cadmea, por volta de 379 a.C. Foi ocasionalmente referido como o “Batalhão da Cidade” por serem custeados pela polis e terem base permanente em Cadmea.

Segundo Plutarco**, os 150 casais – um *eraste* e um *eromeno* – eram escolhidos por Górgidas por habilidade e mérito, independentemente da classe social. O *eromeno* deveria ter, no mínimo, 20, 21 anos, e ter uma armadura completa dada por seu *eraste*. O treinamento regular do batalhão incluía luta livre e dança, bem como ensinamentos equestres de cavalaria.

O escritor Ateneu de Naucratis revela que o “sagrado” vem da honra ao deus Eros, indicando que eles “abraçavam uma morte gloriosa em nome do amor”. Uma troca de votos sagrados acontecia no santuário de lolaus (sobrinho e um dos amantes de Hércules) em Tebas.

O primeiro combate registrado do Batalhão Sagrado foi no verão de 378 a.C., no início da Guerra da Beócia, quando o rei espartano Agesilau decidiu atacar Tebas. Em maior número, Agesilau ordenou que todo seu exército avançasse, acreditando que somente a visão de suas forças

** Plutarco foi um historiador e filósofo grego, nascido em Queroneia, local da última batalha do Batalhão Sagrado.



concentradas avançando resolutamente seria suficiente para intimidar as forças tebanas (com aliados atenienses). Porém, o oposto aconteceu: os líderes militares de Atenas e Tebas ordenaram que seus homens ficassem à vontade e, em unísono, todos assumiram a postura de repouso – com a lança apontada para cima e o escudo apoiado no joelho esquerdo. A audácia e disciplina de execução levaram Agesilau a não só deter o avanço de seu exército como a recuar.

Depois desse impasse, Agesilau deixou a situação por conta do general Febidas, que, de tantos ataques destrutivos aos territórios tebanos, levou a uma reação do Batalhão Sagrado. No fim do verão, as forças de Górgidas mataram Febidas e as forças espartanas fugiram. No ano seguinte, Agesilau tentou novamente investir contra Tebas e, mais uma vez, se retirou frente ao exército tebano.

Em 375 a.C., o jovem Pelópidas assumiu o comando do batalhão – não se sabe o que aconteceu com Górgidas – e o transformou em uma unidade tática separada. Sua principal função era paralisar o inimigo e avançar pelas fileiras para matar seus melhores homens e líderes em batalha.

A primeira vitória registrada do Batalhão Sagrado de Pelópidas foi na Batalha de Tegyra (375 a.C.). Plutarco conta que as forças espartanas superavam os

tebanos em pelo menos dois para um. Um tebano supostamente teria dito “nós caímos nas mãos de nosso inimigo!”, ao que Pelópidas respondeu: “E por que não eles nas nossas?”. O comandante, então, ordenou que sua cavalaria atacasse, deixando os espartanos confiantes que venceriam por número. Porém, o Batalhão Sagrado se infiltrou e matou os líderes inimigos. Sem liderança, os espartanos vacilaram e abriram suas fileiras, sendo completamente derrotados, com considerável perda de vidas. Os tebanos montaram um *tropaion* (troféu comemorativo deixado no local de uma vitória de batalha) antes de retornarem. A batalha, embora menor, foi notável por ter dissipado o mito da invencibilidade espartana. Isso deixou uma profunda impressão na Grécia – positiva e negativa – e aumentou o moral entre os beócios.

Em 371 a.C., Tebas recusou os termos da conferência de paz em território grego e isso levou Esparta a declarar guerra. Como de costume, as forças espartanas eram maiores em número, menos na cavalaria. A chamada Batalha de Leuctra começou exatamente pelas forças equestres de ambos os exércitos e a vitória acabou sendo tebana. Derrotada, a cavalaria espartana se retirou de maneira desordenada e levantou tanta poeira que os espartanos foram incapazes de observar o avanço do Batalhão Sagrado, que segurou os inimigos até que a infantaria pesada de Tebas finalmente os derrotasse.

Toda essa força de Tebas e do Batalhão Sagrado tornou-se um problema para os planos expansionistas de Filipe II da Macedônia.



O Leão da Queroneia, monumento em mármore, séc. IV.

Em 338 a.C., na Batalha de Queroneia, finalmente o batalhão foi derrotado pelas numerosas lanças macedônias. Os tebanos ergueram uma gigantesca estátua de leão para os mortos nessa batalha. Plutarco registrou que Filipe II, ao encontrar os cadáveres “amontoados uns sobre os outros” de forma jocosa, entendendo quem eram, chorou e exclamou:

Pereça qualquer homem que suspeite que esses homens fizeram ou sofreram algo impróprio. – Plutarco em Pelópidas 18

É bem verdade que a maioria dos escritos atenienses que resistiram ao tempo e relatam a hegemonia tebana no séc. 4 são altamente críticos e, em alguns casos, até mesmo, subestimam ou omitem as realizações de Tebas. Essa má vontade recaiu sobre a composição homoafetiva do Batalhão Sagrado e, assim, muito pouco se sabe sobre a verdadeira relação dos guerreiros ou como eles se comportavam em batalha, ou seja, se eram realmente movidos por amor uns pelos outros. Mesmo com esse preconceito nada velado, tanto o termo *lokhos* ainda é usado pelos militares gregos como sinônimo de unidade militar especializada quanto o nome “Batalhão Sagrado” foi usado pelos gregos na Guerra de Independência e na Segunda Guerra Mundial. **8=D**

E se houvesse apenas alguma maneira de fazer com que um Estado ou um exército fosse composto de amantes e seus amados, eles seriam os melhores governadores de sua própria cidade, abstendo-se de toda desonra e imitando uns aos outros em honra; e ao lutar um ao lado do outro, embora um mero punhado, eles venceriam o mundo. Pois que amante não preferiria ser visto por toda a humanidade do que por seu amado, seja abandonando seu posto ou se jogando em seus braços? Ele estaria pronto para morrer mil mortes em vez de suportar isso. Ou quem abandonaria seu amado ou falharia com ele na hora do perigo?

– Simpósio, de Platão

Senhor, sim, senhor?

por Felipe Vargas



Não é de agora...

É bem provável que a maioria dos homens brasileiros tenha uma história para contar sobre o alistamento militar. Pode até ser sobre a forma como conseguiu dispensa, mas é quase certo que a história será sobre o constrangimento passado no exame físico e médico.

É preciso dizer que o Serviço Militar no Brasil é obrigatório (Art. 143 da Constituição de 1988), ou seja, todo homem* brasileiro deve se alistar ao Exército, Marinha ou Aeronáutica no ano em que fizer 18 anos para receber instrução militar, destinada à formação de reservista de 1ª ou 2ª categoria, visando à defesa da Pátria. Existem formas de servir alternativamente (serviço burocrático por questões filosóficas, religiosas ou políticas) ou pedir dispensa (por questões médicas significativas ou ser arrimo de família). Aqueles que não se alistam perdem direitos civis e ficam com “débito militar”, mas têm até os 45 anos para fazê-lo.

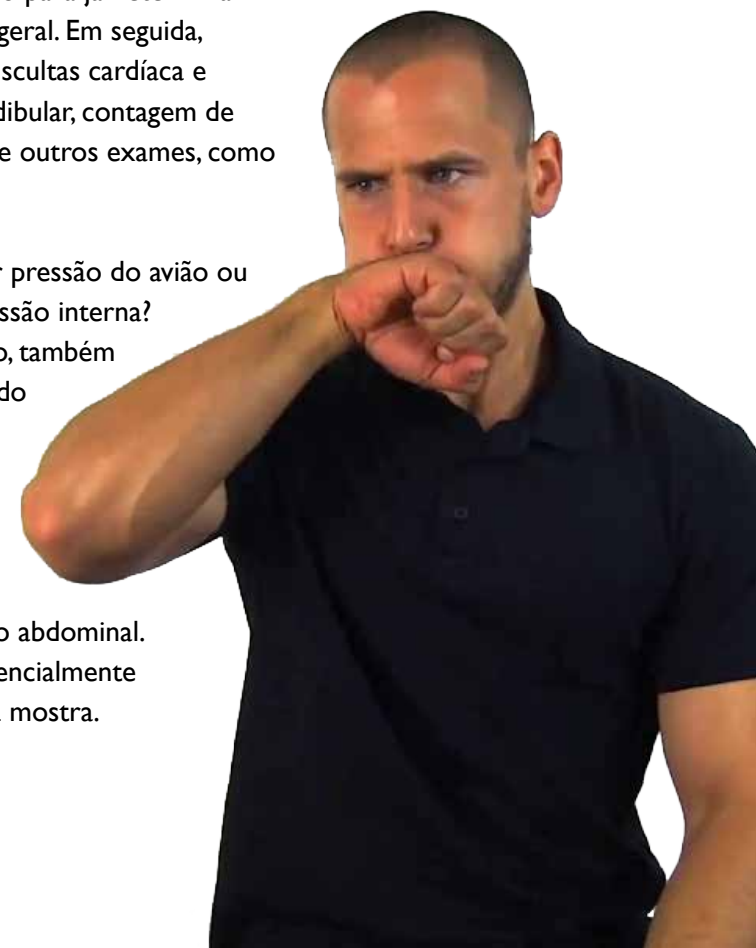
Depois do alistamento, vem a Seleção Geral, onde os jovens pré-selecionados realizam exames médicos, testes de aptidão e entrevistas. A chamada Inspeção de Saúde, feita por um Agente Médico Pericial, tem o objetivo de averiguar a condição de saúde do candidato – que deve estar dentro de um parâmetro aceito pelo serviço militar. Primeiro, solicita-se atestados médicos que os candidatos tenham levado para já determinar uma dispensa sem a necessidade do exame clínico geral. Em seguida, começam as medições de altura, peso e pressão, ausculta cardíaca e pulmonar, acuidade visual, otoscopia, abertura mandibular, contagem de dentes, análise de postura (coluna) e pé chato, entre outros exames, como o famoso exame de sopro ou *Manobra de Valsalva*.

Sabe quando você está com o ouvido entupido por pressão do avião ou de subir à Serra e aperta o nariz forçando uma pressão interna? Então, essa manobra, além de “destampar” o ouvido, também pode identificar uma hérnia inguinal, ou seja, parte do intestino ou outro órgão que se expande através de uma abertura na parede abdominal na virilha. No exame do exército, a manobra costuma ser feita da seguinte maneira: o agente pede que o candidato assopre o dorso da mão ou o antebraço sem que o ar saia para que haja uma força na região abdominal. Nesse momento, o candidato deve estar nu, preferencialmente segurando o pênis para que a bolsa escrotal fique à mostra.

É aqui que começam os constrangimentos...

* No site diz “Todo brasileiro do sexo masculino” e ainda afirma que pessoas com deficiência do sexo masculino também devem se alistar, mesmo que eles já estejam automaticamente dispensados. O absolutamente incapaz deve ser representado pelo seu tutor ou curador legal, mediante apresentação do documento comprobatório.

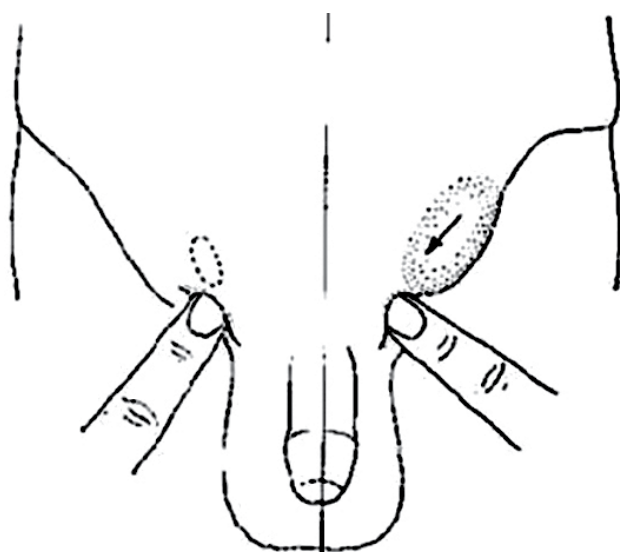
A *Manobra de Valsalva* (ou o exame do sopro).



Espera-se que os exames sejam realizados de forma individual por um único agente – e isso acontece em alguns casos, onde o candidato é separado dos demais por um biombo ou box. No entanto, sabe-se que usualmente é chamado um grupo enorme de candidatos que ficam lado a lado somente de cueca e, na hora do exame do sopro, baixam a cueca até o joelho e realizam a manobra na frente dos outros candidatos e de outros membros do corpo do exército. É fato que o exame dura cerca de 5 segundos, porém, inúmeros relatos confirmam que, por vezes, é solicitado que todos os candidatos fiquem nus aguardando sua vez de fazer o exame ou, então, que devem realizar atividades físicas (corrida, polichinelo, flexões) sem roupa, enquanto os “avaliadores” parecem rir da situação.

É também frequentemente relatado que existe contato entre o agente e os genitais do candidato, seja para fazer a *Manobra de Landivar* – colocar os dedos indicadores nas virilhas do candidato enquanto ele realiza o sopro –, apalpar os testículos ou abrir o prepúcio para checar a glândula. Muito se fala sobre a possibilidade de assédio neste momento (e é bem provável que aconteça), mas é preciso entender que estes exames clínicos são importantes,

A *Manobra de Landivar*.



Não são separações que tornam menos constrangedor...

especialmente se considerarmos que a saúde masculina é negligenciada e o número de amputações penianas por má higiene aumenta exponencialmente a cada ano. Já pensou que essa pode ser a única vez que um homem terá seu pênis examinado?

Aliás, aqui se encontra o ponto de partida para uma reflexão sobre a origem desse constrangimento diante da nudez masculina coletiva. Se fossem vários homens nus em um vestiário após uma partida esportiva, não haveria sequer questionamento. Porém, ficar nu de forma coletiva para ser analisado com foco no pênis torna-se algo traumático. Homens não conversam sobre corpo, pênis, saúde e higiene, independente da orientação sexual ou do vínculo parental, e esse silêncio interfere física e emocionalmente na vida de cada um deles. Corrigindo... na vida de todos, pois os companheiros ou companheiras desses homens que não se cuidam, que não se expõem – porque, muitas vezes, nem sabem fazê-lo – também sofrem as consequências.

É ainda mais complicado para aqueles que aos 18 anos já se identificam com outro gênero ou assumem sua homossexualidade. O constrangimento vai além de ter uma ereção no

meio de tantos garotos nus (que, na verdade, é quase impossível tamanho o medo): relatos revelam que alguns são humilhados publicamente por serem afeminados. Aqui se encontra mais um ponto de reflexão, o do machismo estrutural que assola nossa sociedade. Se bem que não poderíamos esperar algo diferente de uma instituição como as Forças Armadas...

De certa forma, esse exame médico militar parece funcionar como um rito de passagem moderno, a transformação do adolescente em “homem” ao ter que lidar com a presença de outros corpos nus em uma situação de julgamento. Ritos de passagem em civilizações consideradas primitivas são bem mais violentas fisicamente, com circuncisões, escarificações e agressões. As consequências emocionais nunca são comentadas ou sequer estudadas e trabalhadas, mas elas estão aí em ambos os casos. E, ainda dentro desse universo militar, sugiro a leitura da resenha do livro *My Buddy*, que está na coluna **Bibliófalo** desta edição, para ter uma nova reflexão a partir de outro ponto de vista: dos soldados e veteranos.

A seguir, alguns breves relatos sobre esse constrangedor momento.



Não é só no Brasil...

DEPOIMENTOS

Fui tentar a dispensa por ter passado no vestibular e acabei me ferrando: fiz o exame médico duas vezes! Na primeira, no próprio Exército, fui colocado em um grupo com aproximadamente 20 candidatas, entre eles dois amigos meus, todos lado a lado. Primeiro, foi solicitado atestados que dispensaram uns dois ou três. Em seguida, recebemos a ordem de ficarmos de cueca. Um a um fomos chamados para os exames básicos, voltando em seguida para a posição. Até que veio a ordem para todos ficarem nus, enquanto um médico passava e pedia o exame de sopro. Acontece que, ao passar por um dos meus amigos, o médico parou, pediu para soprar novamente e ainda chamou um colega para conferir. Nessa hora, aquele monte de moleque de 18 anos pelado começou a rir e um comandante com raiva gritou: “Todo mundo de costas, menos o candidato em observação!” Só fomos autorizados a colocar a roupa depois do último candidato ser examinado. Meu amigo descobriu que estava com varicocele. Ao falar que tinha passado no vestibular, me mandaram para o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, que convocava os alunos das faculdades durante as férias e nos finais de semana para se tornarem uma reserva de alto nível para o Exército. E, nisso, passei por um segundo exame médico tão constrangedor quanto o anterior. Dessa vez, foi um grupo menor de talvez 6 ou 8 candidatas, porém, numa sala tão pequena que todos estavam encostados ombro a ombro. O examinador fez algumas piadas sobre tamanho de pênis, perguntando se “isso” funcionava e que não adiantava ter vergonha no exército. Sair da sala de exame foi um alívio enorme, que se tornou ainda maior quando consegui a dispensa depois que um

tio meu convenceu um general (não sei como).

8=D

Fiz o exame no batalhão da Vila Militar, onde a maioria fez o exame no corredor. Muitos foram liberados depois de uma tossida. Não dá pra saber os critérios que eles usam para dividir as turmas. No grupo que me colocaram, todos foram apalpadados até ter algum nível de ereção. O examinador não mexia só nos testículos como fez com os caras no corredor: ele apalpava o pau da gente. E ainda selecionaram alguns para fazer atividades físicas pelados. Não foi um exame médico. Foi um abuso, um constrangimento bizarro.

8=D

Antes de entrar na OTAN, o serviço militar era obrigatório na Romênia. Sendo assim, no último ano escolar, todo garoto tinha que realizar exames para saber se estava apto a entrar nas forças armadas. Se você entrasse em uma universidade, não precisaria servir, mas o exame era obrigatório. Eu não sabia o que isso implicava, mas, para um garoto gay dentro do armário, ambientes extremamente heterossexuais me amedrontavam. Independentemente disso, chegou o dia em que todos os meninos da minha turma e da turma vizinha foram para o quartel serem inspecionados. Depois de uma rápida introdução sobre o que aconteceria, todos os meninos tiraram as roupas e entramos em uma sala onde nos sentamos amontoados nus, cobrindo nossos órgãos genitais e esperando a inspeção. A Romênia é um país católico ortodoxo, então somos tímidos com nossos corpos. Eu nunca tinha ficado nu na frente das pessoas. O médico estava na mesma sala, sentado em uma mesa onde cada um tinha que ir para ser examinado, principalmente os pés

e os testículos. Acho que o médico levanta o pau pra ver se as bolas eram normais. Nessa hora, a gente acabava vendo os genitais dos seus colegas, a maioria peluda e não circuncidada. Apesar de todo desconforto da situação, acabou servindo de material para fértil imaginação adolescente.

8=D

No meu exame médico, tivemos que ficar pelados em fila. O da minha frente era um afrodescendente que os médicos ficaram pedindo para virar de lado, de frente, de lado, de costas... e foi aí que entendi as risadas maliciosas dos examinadores: o rapaz tinha um pênis enorme! Inclusive não tocaram em ninguém, só no saco dele. E teve uma pegadinha: tivemos que correr e fazer polichinelos pelados. Um monte de saco e rola pulando!

8=D

Eu tive que passar duas vezes pelo exame. Na primeira, colocaram a gente em uma rodinha. Tinham uns armários para separar, mas a sala era tão pequena que dava pra ver todo mundo pelado. Era uma situação desconfortável. Eu não queria olhar ninguém e não queria ser olhado. Na segunda vez, entrei somente com outros três meninos. A gente ficou lado a lado pelado e pediram pra gente agachar, soprar e virar pra ver se alguém tinha tatuagem.

8=D

Lembro bem do meu alistamento. Fui passando em todas as etapas (prova escrita, prova física...) e, quando chegou o momento da avaliação médica, foi constrangedor como o vestiário da escola militar que frequentei por oito anos. Pelo menos havia divisórias entre os candidatas, que entravam em grupos de dez. A

gente era direcionado para um box individual onde ficávamos somente de cueca. O examinador (uso esse termo porque não tenho certeza de que era alguém da área médica) fez algumas medições e algumas perguntas sobre doenças de família e uso de drogas ou medicamentos controlados. Em seguida, pediu para colocar a cueca na altura dos joelhos, abrir o prepúcio, puxar o saco para um lado e para o outro e fazer o exame do sopro. Além do desconforto de ficar nu, ainda fui julgado: quando falei que não queria servir depois de perguntado, o examinador falou em voz alta “esse aqui será liberado por alcoolismo” pelo estigma de ter tatuagem.

8=D

Fui dispensado nas últimas fases, mas passei por um exame médico que não foi tão... íntimo, digamos assim. Fiquei junto com outros meninos numa sala, só de cueca, e precisamos abaixar, levantar, pular etc. Sem tirar a roupa. Não sei como isso daria algum diagnóstico...

8=D

No dia do meu exame, éramos uns 30 meninos em uma sala com 4 militares. Não me recordo se um deles era médico ou algo do tipo. Foi ordenado que ficássemos de cueca e de costas para a mesa onde eles estavam. Eles chamavam cada um pelo nome e a gente tinha que virar pra frente, baixar a cueca e assoprar a mão. Depois disso, a gente se vestia e saía da sala. Porém, eles ficaram rindo e cochichando uns com os outros, deixando tudo muito constrangedor.

8=D

No quartel, pediram pra gente fazer uma fila e entrar em uma sala com três soldados. Um outro soldado guiava a gente para umas baias de

madeira onde deveríamos ficar de cueca. Perguntaram se alguém tinha problema em tirar a roupa, mas ninguém se manifestou. Eu fiquei bem de frente para um dos soldados que fazia anotações e congelei. Percebi que dois médicos, um de cada lado, iam examinando cada um. Na minha vez, fiquei com medo de ter uma ereção, mas não aconteceu. Ele se identificou como médico e pediu para abaixar a cueca na altura do joelho. De tão nervoso, tremi e disse que não entendi. Sem emoção, ele repetiu a ação e eu abaixei. Ele olhou para o meu pau. Eu congelei. Ele disse para assoprar a mão e eu assoprei. Ele mandou eu me vestir e saiu. Continuei tremendo. Tudo deve ter durado 1 minuto, mas pareceu 1 ano.

8=D

Eu estava tão apavorado que só pensava em sumir. Nem lembro de muita coisa, mas sei que estava todo mundo pelado e um colega da escola que estava no grupo ficou me olhando. Como eu estava de óculos acabei dispensado dos exames. Não foi nada acolhedor, em nenhum sentido.

8=D

Fui militar e passei por dois exames porque tentei ser paraquedista. No primeiro, os rapazes foram reunidos por ordem alfabética. Pediram para ficar de cueca, mas alguns estavam sem, talvez por não usarem ou por nem terem. Por ser letra V, fiquei muito tempo de cueca até ser chamado pelo urologista, que examinou meus testículos e minha glândula para ver se estava tudo OK. Já no exame de paraquedista, tive que ficar pelado o dia todo em equipe, desde às 4 da manhã, realizando atividades físicas. Corremos, nadamos, saltamos e depois fomos dispensados. Não precisei fazer o exame médico no-

vamente porque já tinha o anterior anexado a minha ficha. Meu constrangimento maior foi no primeiro exame ao ver candidatas com cuecas velhas. Me senti confortável em fazer as atividades físicas em roupa mesmo no frio porque fiz grandes amizades.

8=D

Me alistei certinho, mas tive que fazer todo o processo duas vezes porque perderam os meus dados na primeira vez! Quando eu digo “todo o processo”, é prova escrita, exames médicos, testes físicos, toda a burocracia... mesmo eu tendo deixado claro que não queria servir. Como eu entrei na faculdade com 16 anos, e eles queriam recrutar pessoas com nível superior, foram me passando. Os exames médicos foram bem constrangedores... Me colocaram com outros 9 garotos, um do lado do outro em uma sala. Inicialmente pediram para tirar a camisa e depois descer o short e a cueca até os pés. Tivemos que virar de costas, pular num pé só, pular com os dois pés... e levantar o pênis pra mostrar os testículos quando um examinador passou apalpando cada um. Por fim, o exame do sopro pra ver se tinha hérnia. Como eu tinha uma tatuagem nas costas, um dos examinadores foi bem bruto, batendo na minha tatuagem com força, perguntando o que era aquilo. Eu perguntei se ele sabia o que era uma tatuagem e ele, com raiva, perguntou se eu estava achando tudo engraçado e passou para outra pessoa. Um dos meninos que estava no meu grupo era extremamente afeminado. Quando todos foram liberados para se vestir e sair, mandaram ele ficar. Não sei o que houve com ele... Me lembro de ter ficado muito estressado com tudo isso.

8=D

Contos do Falo

JOGADORES

O toque seco dos tacos nas bolas. O toc-toc-toc de bolas em bolas, o grito de uma bola caindo no abismo da caçapa. O voo de uma mosca, calor, ao longe o rumor de conversas e músicas. Os olhos dele, calculadores, de um verde mais bonito que o verde do feltro da mesa. Meus olhos, entediados, voam como a mosca, das bolas para o volume entre as pernas dele, mal guardado na calça jeans apertada, para suas mãos que acariciam o taco e matam, com um toque seco e um sorriso de vitória, mais uma bola.

Meio por tédio, meio por bêbado, não dou sequência ao jogo. Em um impulso, mergulhando em seus olhos, apenas digo: “Você sabia que, contam, olhando direitinho a mão de um cara você consegue imaginar exatamente como é o pau dele?” Logo depois me arrependo, me imagino despencando em um abismo, em uma caçapa de coisas e pessoas descartadas. Mas ele, depois de um ligeiro susto, sorri – irônico? divertido? cúmplice? – espalma a mão direita e examina, com cuidado, os dedos um a um. Sorri de novo, agora certamente divertido, intrigado: “É... pode ser...”

E entra na brincadeira: “Mostra tua mão”. Examina meus dedos, cuidadoso, calculador, como quem prepara uma jogada, e pergunta: “então, tem a ver?” Nos encaramos, olhos nos olhos, as mãos espalmadas se tocam levemente, a mosca deve ter sido tostada com tanta eletricidade no ar. Acaricio meu taco, mas não avanço com o jogo; as bolas angustiadas pela espera, o alívio que só virá com o toc-toc-toc de bolas em bolas, com o toque seco de nossos tacos em nossas bolas, com o grito de cair no abismo.

Súbito, o silêncio se quebra – as mulheres – minha namorada, a namorada dele – que tinham ido ao banheiro, tomar um ar, fugido do jogo tão chato – voltam, querem seguir a noite, dançar, respirar, ser beijadas e cuidadas e talvez penetradas. “Vamos”, ele diz, “você fica me devendo a revanche”. Vamos, cada um abraçado à sua namorada. Na sala agora vazia, os dois tacos descartados e silenciosos apenas se tocam, como se eternos.



ONANISMO POLÍTICO...



Marlon THOR





Se você se sente frustrado em relação ao seu prazer...

Precisa aprender a parar de usar algumas referências:

Posts de redes sociais não servem pra basear vida de ninguém

Vídeos do Twitter e posts de Instagram não são elaborados pensando na individualidade das pessoas. Vai ser eternamente frustrante se basear em fotos, frases, vídeos e demais generalizações de outras pessoas para mapear o próprio desejo.

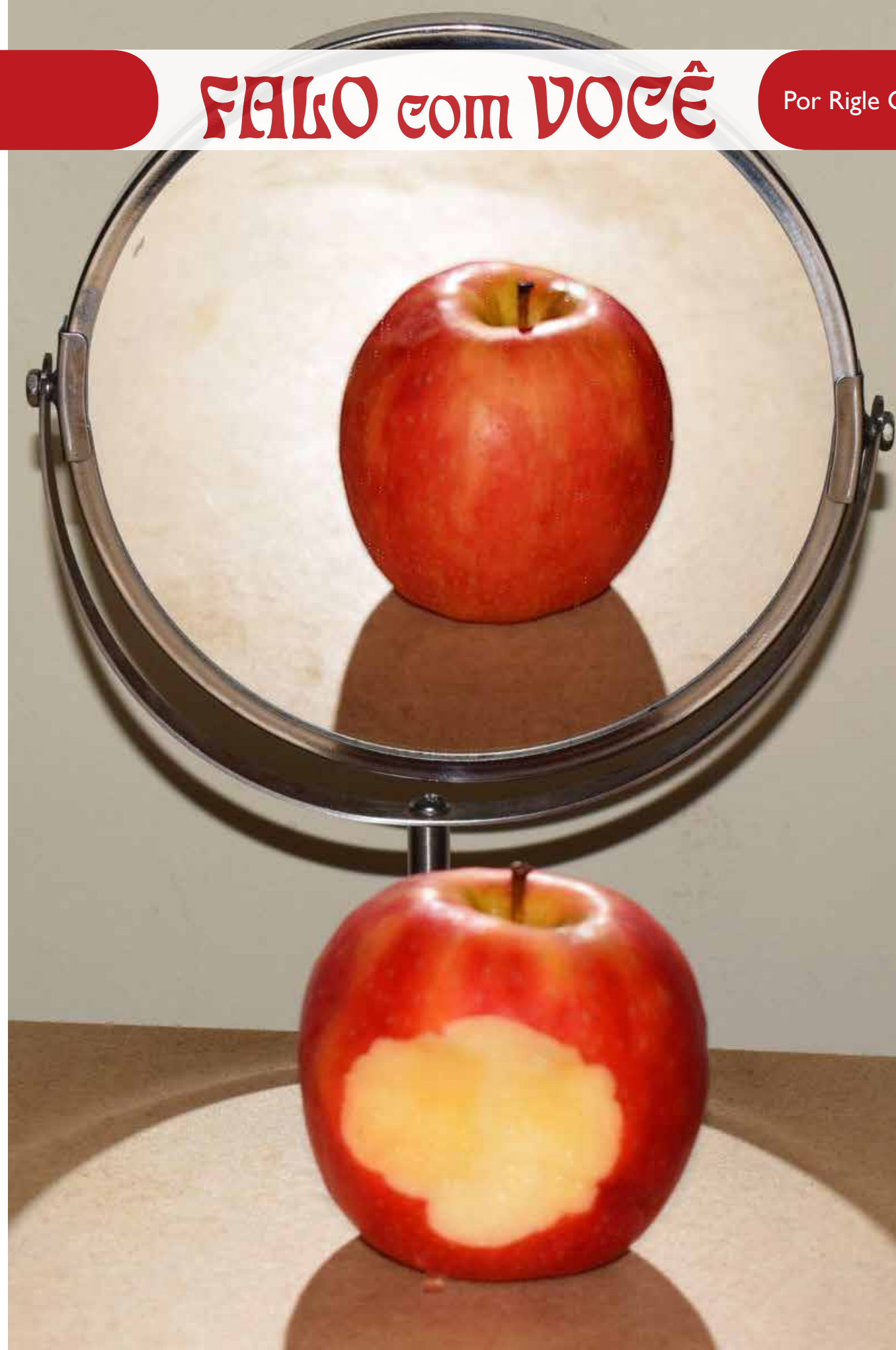
Se livrar do pornô por alguns períodos

Muitas imagens são construídas em nossa mente sobre o que parece ser um sexo interessante. Receber essas imagens durante nosso desenvolvimento pode criar uma falsa sensação de que sempre há algo faltando, de que o bom mesmo é aquele sexo assistido na tela. Podemos nos tornar menos presentes com nossos parceiros durante o encontro e mais presos em imagens mentais de filmes, o que resultará em frustração.

Ninguém precisa ser uma máquina de fazer sexo

Ao mesmo tempo que é evitado falar do tema, existe uma cobrança para que façamos sexo, de que todos devemos estar prontos e com vontade sempre. Isso é totalmente sem cabimento, visto que existem pessoas menos sexuais, inclusive, existem pessoas assexuais e não há nada de errado com elas.

Há aqueles que prezam por conexões mais profundas para poder se sentir à vontade com



outra pessoa. Essas pessoas muitas vezes sofrem e se cobram achando que há alguma coisa errada com elas. É importante que cada um compreenda o próprio funcionamento para evitar cair na armadilha de que há algo errado por não transar de imediato ou em excesso.

Use aplicativos de paquera com moderação e sabedoria

Todo mundo é bonito, rico e bem sucedido nos aplicativos de paquera. A gente só vê as partes boas de fulano ou ciclano (assim como também expomos as nossas), mas basta ter o mínimo de consciência para entender que ninguém é só aquilo que é exposto ali. Caímos na comparação do corpo, do tamanho do pau, das fotos de viagens, do status financeiro... mas cair na real que é bom, quase ninguém cai.

Você não precisa ser assim ou assado para usufruir do seu prazer.

Você precisa ser VOCÊ, entender como é seu funcionamento, desconstruir ideias distorcidas sobre sexo adquiridas durante a vida e ter muita calma consigo mesmo.

Escuto sempre nas sessões de análise pacientes falando que “entenderam a mensagem racionalmente, mas por em prática que é bom nada...” Mudar qualquer tipo de comportamento não é simplesmente uma chave que vira de uma hora pra outra. Anos e anos antecederam para que pensamentos, sentimentos e comportamentos se instalassem, então, o mínimo que qualquer um de nós vai precisar pra mudar é de paciência e perseverança.

THE MOVEMENT



Fazer parte da TSM significa fazer parte de uma comunidade que apoia, entende e dá confiança uns aos outros. É mais do que a sunga em si: é fazer a diferença na auto-estima, é confiança, diversidade e aceitação.

— Alex

Embaixador da The Speed Oh Movement, usando sunga vermelho e rosa da Mancrush Apparel.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

